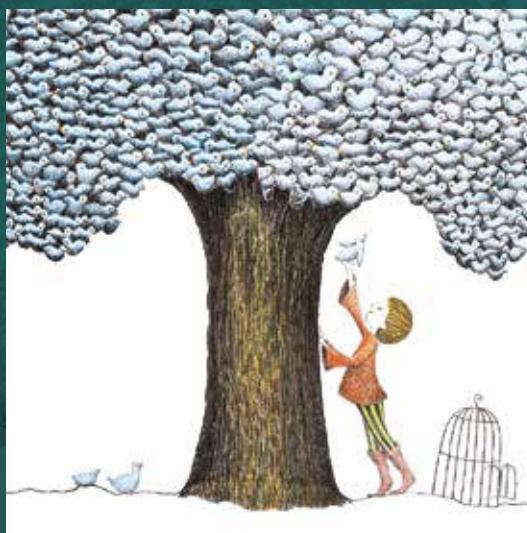


# TRAÇOS, TRAJETÓRIAS E RAÍZES

*Roots, traces and pathways*



Obras de Eve Ferretti,  
Mari Ines Piekas e  
Paula Schmidlin

*Art works of Eve Ferretti, Mari Ines Piekas  
and Paula Schmidlin*



SOLAR DO ROSÁRIO

ARTE E CULTURA



TRAÇOS,  
TRAJETÓRIAS  
E RAÍZES

*Roots, traces and pathways*



SOLAR DO ROSÁRIO  
ARTE E CULTURA

Concepção Editorial  
*Editorial Concept*  
Solar do Rosário

Coordenação Geral  
*General Coordination*  
Regina Casillo  
Lucia Casillo Malucelli

Administração do Projeto  
*Project Administration*  
Lucia Casillo Malucelli

Revisão dos Textos em Português  
*Portuguese Editing*  
Altair Pivovar  
Lucia Casillo Malucelli

Versão para o inglês  
*English Version*  
Jonice Daher

Revisão do inglês  
*English Version Editing*  
Marshal Phillips

Curadoria  
*Curator*  
Regina de Barros Correia Casillo

Fotografias  
*Photography*  
Basilio Wille  
Acervos pessoais

Projeto Gráfico  
*Graphic Design*  
Nexo Design

Assistente  
*Assistant*  
Isabela Neris

Estagiárias de Artes Visuais  
*Visual arts interns*  
Betina de Moura Alencar  
Heloísa Maria Santos Lovato

Copyright  
Todos os direitos desta edição estão reservados a  
*All rights reserved to*  
Solar do Rosário  
Rua Duque de Caxias, 04, São Francisco, Curitiba, PR, Brasil  
+55(41)3225-6232  
www.solardorosario.com.br

Dados internacionais de catalogação na publicação  
Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi – CRB-9/1617

---

Traços, trajetórias e raízes = Roots, traces and pathways /  
Coordenação de Regina Casillo e Lucia Casillo Malucelli ;  
textos de Regina Casillo, Fernando Bini e José Carlos  
Cifuentes ; tradução para o inglês de Jonice Mahana Daher. -  
Curitiba, PR : Solar do Rosário, 2019.  
120 p. : il. col. ; 27,5 x 27,5 cm.

ISBN 978-85-60665-37-2

1. Artes – Paraná. 2. Pinturas – Paraná. 3. Pintores – Paraná.  
4. Artistas – Paraná. I. Título. II. Casillo, Regina. III. Malucelli,  
Lucia Casillo. IV. Bini, Fernando. V. Cifuentes, José Carlos. VI.  
Daher, Jonice Mahana

CDD ( 22ª ed.)  
759.91862

---

APOIO  
*PATRON*

PATROCÍNIO  
*SPONSORSHIP*

REALIZAÇÃO  
*PUBLISHED BY*



SECRETARIA ESPECIAL DA  
**CULTURA**

MINISTÉRIO DA  
**CIDADANIA**



# TRAÇOS, TRAJETÓRIAS E RAÍZES

*Roots, traces and pathways*

Obras de Eve Ferretti, Mari Ines Piekas e Paula Schmidlin

*Art works of Eve Ferretti, Mari Ines Piekas and Paula Schmidlin*

Coordenação: Regina Casillo e Lucia Casillo Malucelli

*Coordination: Regina Casillo and Lucia Casillo Malucelli*

Curitiba, 2019

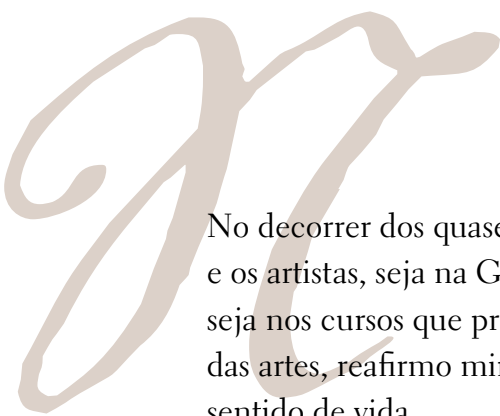


SOLAR DO ROSÁRIO  
ARTE E CULTURA



# Apresentação

Regina Casillo



No decorrer dos quase trinta anos de convivência com a arte e os artistas, seja na Galeria de Arte do Solar do Rosário, seja nos cursos que promovemos voltados para vários setores das artes, reafirmo minha crença inabalável na arte como sentido de vida.

A arte contribui para a formação de uma sociedade mais aberta ao diálogo, criativa e tolerante. Os artistas transformam, reinventam realidades e nos fazem refletir. Quantas vezes a audácia inquieta do pintor ou do poeta, corajosa mesmo, leva a uma mudança de atitude de vida. Assim é ela, a arte, que, durante séculos, foi transformadora de indivíduos e de sociedades.

Com esse livro – *Traços, Trajetórias e Raízes* –, completamos um ciclo de divulgação e trabalho pleno com a arte paranaense. Publicamos 38 livros de arte, várias reedições e inúmeros catálogos. Promovemos mais de uma centena de exposições. O SOLAR DO ROSÁRIO divulgou o trabalho artístico de muitos pintores, escultores, ilustradores e fotógrafos. Fizemos muitas viagens pelo mundo da arte! *Traços e Trajetórias* foram nossa meta guia. *Trajetórias* de artistas que de longe ou de perto trouxeram um novo olhar e contribuição para a arte local. A riqueza cultural do Estado do Paraná é, sem dúvida alguma, reflexo de todos aqueles povos que vieram de longe, trazendo de seus antepassados traços e tradições que se refletem no trabalho e na vida cultural da sociedade.

Sempre foi dito em canção e poesia que o Paraná é terra de todas as gentes. A cidade de Curitiba, com seus portais representativos das etnias que formam a população do Estado (italiano, ucraniano, português, árabe e tantos

outros), mostra ao Brasil a importância para a cultura dessas levadas imigratórias.

“Impossível dissociar a trajetória histórica de Curitiba da história das imigrações, daqueles que aqui escolheram viver, trabalhar e formar suas famílias neste Brasil Diferente, que, segundo o escritor Wilson Martins, é o nosso Paraná. Da soma desse leque diversificado de influências europeias e orientais emerge a própria identidade cultural da cidade, espaço onde se amalgamam costumes, sentimentos, religiões, enfim, as mais diversas maneiras do “ser curitibano” (Margarita Sansone, no seu livro do ano 2000, Fundação Cultural de Curitiba – no limiar do novo milênio.)

As artistas deste livro – Eve Ferretti, Mari Ines Piekas e Paula Schmidlin –, brasileiríssimas, mas que trazem memórias longínquas dos antepassados, respectivamente, italianos, poloneses e alemães, representam a tradição e a modernidade nos traços firmes das excelentes ilustradoras que são. Elas são dignas representantes do cosmopolitismo local nas artes plásticas. Nada mais falarei sobre essas grandes artistas plásticas. Nas páginas seguintes deste livro, as imagens falam melhor!

Homenageando as três artistas, estendo minha admiração e respeito aos demais artistas da terra paranaense. Este livro, como os anteriores publicados pelo SOLAR DO ROSÁRIO, destina-se a todos os que amam a arte e a vida.

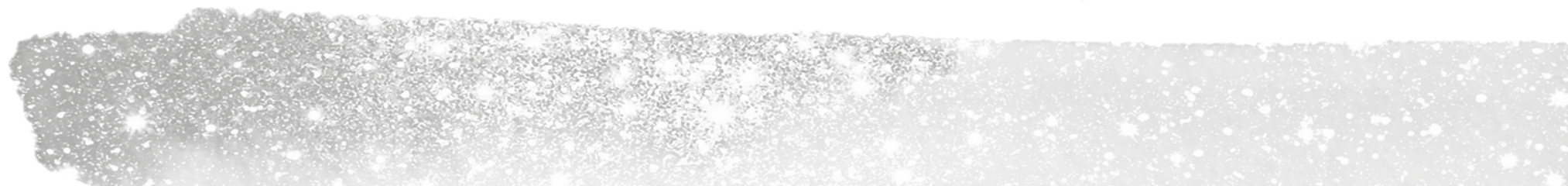
*Regina Casillo*

Diretora-Fundadora do Solar do Rosário

# Sumário

*Table of Contents*

Apresentação .....	5
<i>Presentation</i>	
As Artes Visuais do Paraná num diálogo a três vozes .....	9
<i>Paraná's Visual Arts within a three-voice dialogue</i>	
Eve Ferretti .....	13
Mari Ines Piekas.....	41
Paula Schmidlin .....	73
Versão em inglês .....	103
<i>English version</i>	
Lista das obras .....	113
<i>List of art works</i>	





41

Mari Ines Piekas



Eve Ferretti



Paula Schmidlin

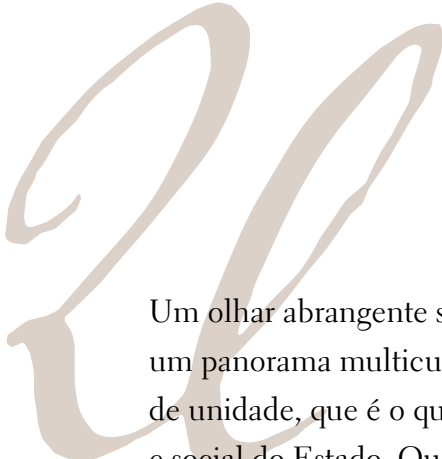
13

73



# As Artes Visuais do Paraná num diálogo a três vozes

Fernando Bini



Um olhar abrangente sobre a arte paranaense vislumbra um panorama multicultural e diverso, uma aparente falta de unidade, que é o que caracteriza a identidade cultural e social do Estado. Quando Darcy Ribeiro fala dos “povos transplantados”, isto é, de “gente europeia” que veio para o além-mar, distingue o brasileiro como um gênero humano novo, um “povo novo”, que *desindianizou* o índio, *deseuropeizou* o europeu e *desafricanizou* o negro; um povo novo que se constrói a si mesmo como uma nova entidade (RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995).

E o Paraná é a melhor síntese (e não simplificação) desse processo. Temos consciência de nossas heranças, herança de parentes longínquos e que podemos utilizar sem remorsos, posto que são lembranças guardadas na nossa memória cultural e étnica, aflorando em vários instantes, principalmente nos momentos de criação.

*As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. (HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 49)*

Assim, entendemos que essas identidades são construções imaginárias, lembranças de um passado sempre grandioso, pois é resultado de nossas fantasias idealizadas, como se os nossos

antepassados tivessem vindo em busca de um Eldorado com a pretensão de retorno às suas origens, mesmo que este fosse quase impossível, como ocorreu com a maioria dos nossos primeiros imigrantes.

Afora as obras deixadas pelos jesuítas nas *Reduções*, a arte indígena muito pouco interessou ao colonizador, mesmo a arquitetura e o urbanismo de Paranaguá – que fez Saint-Hilaire exclamar: “Essa pequena cidade é certamente uma das mais bonitas que já visitei desde a minha chegada ao Brasil” (SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina*, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1978, p. 71). Quase nada mais se conhece da produção artística do Paraná antes do início das imigrações.

O que não existiu nesta 5ª Comarca de São Paulo antes da chegada do imigrante, foi uma classe social que pudesse sustentar uma produção que, pelos critérios europeus, seria artística.

O crítico Carlos Rubens, biógrafo de Alfredo Andersen, afirma, injustificadamente (por ausência de documentos comprobatórios), que “O Paraná permaneceu durante longuíssimos anos entre os Estados sem arte”, acrescentando que “o que houve foi hostilidade à inteligência, ausência de estímulo, falta de compreensão do destino das manifestações do espírito, que fazem a grandeza dos povos” (RUBENS, Carlos. *Andersen: pai da pintura paranaense*. São Paulo: Genauro Carvalho Ed., 1938, p. 14).

O professor Sérgio Nadalin, da Universidade Federal do Paraná, esclarece que, até 1808, data da chegada da corte

portuguesa ao Brasil, só imigrantes de origem portuguesa podiam se fixar na colônia. A partir de então, com a abertura dos portos, tem início a política imigratória, que atingiu, da segunda metade do século XIX até 1939, o período denominado de “Grande Imigração”. Para esse historiador, “foi na região de Curitiba que melhor se desenvolveu a atividade colonizadora, com o estabelecimento de alemães e suíços, italianos e poloneses, secundados em importância por franceses, ingleses e escandinavos” (NADALIN, Sérgio Odilon. *Paraná: Ocupação do Território, Populações e Migrações*. Curitiba: SEED, 2001, p. 71 e 77). Ao todo, são vinte e oito etnias, contribuindo para a pluralidade cultural do Estado.

Um fato curioso nessa sociedade em formação, baseada numa economia instável, com uma população em grande parte ainda flutuante, é que, em 1818, “Manoel Gomes da Fonseca, proprietário de um escravo, pai de seis filhos, vivia de sua música ...” (RITTER, M. L. *A sociedade nos Campos de Curitiba na época da Independência*. Rio Grande do Sul: Editora Pallotti, 1982, p. 83).

É nesse momento histórico que chegam os primeiros colonos imigrantes. Os alemães vêm antes, em 1829, e se estabelecem em Rio Negro, começando a se instalar em Curitiba a partir da década de 1830. “Pode-se dizer que a paisagem da cidade alterou-se consideravelmente com a chegada dos imigrantes”. Exemplo típico é o da Igreja Matriz – hoje Catedral Basílica. Demolida em 1875 a Matriz em estilo português, a atual foi construída até 1893, em estilo romântico, neogótico, com plena participação de alemães (BADEP. *Os alemães no Paraná*. Curitiba, 1979, p. 15).

Os primeiros italianos se estabeleceram no litoral, em Morretes, e nas décadas de 1870 e 1880 subiram a serra em carroções de tolda, dedicando-se ao estabelecimento de colônias agrícolas. Só em 1891 surgem os imigrantes italianos com formações profissionais específicas.

Os imigrantes poloneses aqui chegaram, também, na década de 1870, para se fixar em torno dos centros urbanos responsáveis pelo abastecimento agrícola. Como é costume do europeu, eram acompanhados pelos homens de “letras

e ciências”, normalmente sacerdotes, preocupados com o preparo intelectual e religioso dos jovens e o estudo do meio. É natural então que a construção das artes paranaenses, aqui especialmente as artes visuais, esteja fundamentada, na sua maioria, em artistas de origem alemã, italiana e polonesa (ou eslava): Frederico Lange de Morretes, Waldemar Kurt Freyesleben, Theodoro De Bona, Guido Viaro, João Turin, Miguel Bakun e João Zaco Paraná, para citar somente alguns. Este livro faz um recorte com três jovens artistas que representam a integração étnica nesta “terra de todas as gentes”. São elas Paula Schmidlin, Eve Ferretti e Mari Ines Piekas, que, embora produzindo obras em diversos meios, destacam-se igualmente no desenho, que é o elemento forte de relação entre elas.

Para Mário de Andrade, o desenho é uma espécie de provérbio: “Exprime, da mesma forma que o provérbio, uma experiência vivida e transformada numa definição eminentemente intelectual” (ANDRADE, Mário de. *Aspectos das artes plásticas no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1984, p.69-70).

Os desenhos aqui apresentados são alegorias, no sentido de Walter Benjamin, pois se desenvolvem no processo de constituição de sentido, arbitrárias e subjetivas, para a construção do mundo verdadeiro de cada artista.

Paula Schmidlin assimila na sua obra a germanidade. Ela mesma se sente influenciada pela tendência expressionista, principalmente nas suas pinturas cujos temas são figuras humanas extraídas de um povo sofrido. Os desenhos, aparentemente mais delicados, não deixam de ser vigorosos e reforçam a visão da transitoriedade das coisas, sempre com a presença do humano.

Eve Ferretti, escritora, desenhista e ilustradora, faz recordar o “ut pictura poesis” (“a pintura é como poesia”) de Horácio, em sua *Ars poetica*, na qual podemos ler *pictura* como a imagem poética da artista. Mesmo em pinturas sobre tela, a sua imagem é gráfica e conduz nosso olhar para o desenho e a ilustração. Reclamam o texto do qual saíram, e por isso, às vezes, o sentido se afasta. É uma obra alegórica, no sentido de que é conectada

diretamente com a vivência da artista e com sua história pessoal, quando a alegoria busca sentido no mundo histórico. Voltando a Mário de Andrade, o poeta da prosa: “Desenhos são para a gente folhear, são para serem lidos que nem poesias, são haicais, são rubaes, são quadrinhas e sonetos” (*idem*, p. 68). Assim também em Mari Ines Piekas, designer gráfico, ilustradora, pintora, gravadora e professora. É nela que se manifesta mais forte a tradição ancestral da origem polonesa. Ela se identifica com essa cultura e vai seguidamente à busca das matrizes do seu fazer. É no desenho preciso, mas tecnicamente delicado, que ela melhor exalta o seu “coração de poeta” deliberadamente inspirado na busca de sua tradição étnica, incluindo isso na sua própria vida. Assim Mário de Andrade completa esta apresentação:

*O que me agrada principalmente, na tão complexa natureza do desenho, é o seu caráter infinitamente sutil, de ser ao mesmo tempo uma transitoriedade e uma sabedoria. [...] Mas o desenho, da mesma forma que as artes da palavra, é essencialmente uma arte intelectual, que a gente deve compreender com os dados experimentais, ou melhor, confrontadores, da inteligência. (ANDRADE, Mário de. Aspectos das artes plásticas no Brasil. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1984, p. 65)*

Desenhar está muito ligado ao desejo – é como um sonho que se concretiza: “Os belos sonhos de pedra”, sugeridos por Gaston Bachelard pensando em Charles Baudelaire, é a poesia com lápis e tinta. É também o gravar, o raspar e o respingar, pois tem sua origem nas garatujas infantis ou nos esboços inseguros dos iniciantes.

Esta coletânea de imagens nos faz submergir no universo de três artistas paranaenses pertencentes aos principais grupos étnicos que fazem parte da construção de uma identidade com relação à memória preservada e ao compartilhamento dessa memória, resultante da vivência entre os indivíduos e seus grupos, produzindo assim os mais diversos discursos, seja nas artes visuais – como estas –, seja nas outras formas artísticas, como arquitetura, cinema, literatura, música, teatro, etc., como também nos setores técnicos e científicos.

Fernando A. F. Bini

Professor e crítico de arte. Membro da ABCA e da AICA  
Outubro de 2019



Eve Ferretti





# Eve Ferretti

A obra de Eve Ferretti desconstrói a lógica, embaralha o sentido e ganha o leitor com muito humor (macabro ou não), como faz o *nonsense* em todos os seus modos de expressão. Em suas narrativas, Eve cria um jogo entre texto e ilustração, lembrando o procedimento do pintor, desenhista e escritor inglês Edward Lear, um dos pais da literatura nonsense vitoriana, junto com seu contemporâneo e contemporâneo Lewis Carroll. Na ficção de Lear, praticamente toda ela acompanhada de ilustração do próprio autor, o texto e a imagem muitas vezes se contradizem, mas a ilustração pode informar muito mais do que o texto, o que também podemos observar na obra da autora curitibana.

*Dirce Waltrick do Amarante*

é professora da UFSC, tradutora, escritora e ensaísta.

Era uma vez uma menina diferente das meninas daquele e de qualquer outro lugar. A pequena nada queria com brincadeiras: gostava mesmo era de organizar...	Até as lembranças iam parar no lixo, para não juntarem aranha ou outro bicho... Sua rotina era de fato deveras pesada, então às vezes se permitia a alegria de um bordado. Pois se havia algo que muito a satisfazia era ver cada ponto no lugar apropriado.
Na hora do almoço, dito e feito: no peixe a menina nem tocou. Serviu-se apenas de algumas batatas, Que, como sempre, no prato organizou.	E o tempo continuava a passar...
“Essa menina é muito esquisita...” a mãe preocupada a si mesma dizia. Mas o pai não ligava, achava engraçado, e com as manias da filha se divertia. Sua casa estava sempre perfeita, chão lustroso, brilhava a prataria. E para que nenhum grão de poeira entrasse, janelas bem fechadas, noite e dia.	Sua coluna foi entortando de tanto o chão ela lustrar. As juntas foram engrossando de tanta roupa esfregar. E os olhos se fechando por conta da exatidão ao bordar...
	Eve Ferretti



***“O Grito e A Barata”***

Acrílica sobre tela  
40x50cm

**2016**



*“A Pequena  
Pedinte”*

Acrílica sobre tela  
24x30cm

2016



*“Avarina”*

Acrílica sobre tela  
30x25cm

2016



*“Desilusão e A Moça”*

Acrílica sobre tela  
40x50cm

2016





*“Limpendo as Horas”*

Acrílica sobre tela  
40x50cm

**2016**

Página oposta, detalhe da obra



*“Limpendo a Torre de Belém”*

Acrílica sobre tela  
40x50cm  
2016





*“A Velha Cega”*

Acrílica sobre tela  
40x50cm

2016



*“Sem Título”*

Acrílica sobre tela  
40x50cm

2016



*“A Pequena Medusa”*

Acrílica sobre tela  
24x30cm

2016



**“Padre”**

Acrílica sobre tela  
40x50cm

2016



*“São Francisco e  
O Lobo”*

Acrílica sobre tela  
50x40cm

2016



***“A Menina e O Relógio”***

Acrílica sobre tela  
40x50cm

**2016**



*“Limpendo a Casa”*

Acrílica sobre tela  
40x50cm

2016



*“Sir Paul”*

Acrílica sobre tela  
21x34cm

2016





*“A Avó e as Moscas”*

Acrílica sobre tela  
31x31cm

2016



***“Futebol na Praça”***

Acrílica sobre tela  
25x25cm

**2016**



*“Sem título”*

Acrílica sobre tela  
40x50cm

2016



*“Edílio, o Bom Menino”*

Acrílica sobre tela  
24x30cm  
2016



*“O Filho Macaco”*

Acrílica sobre tela  
30x23cm

2016



*“A Velha e os Livros”*

Reprodução em canvas  
24x30cm

2016



**“No Leito”**

Acrílica sobre tela  
40x50cm

2016



*“Monsier  
Gilbert”*

Acrílica sobre tela  
30x24cm

2016



Curta-metragem “The Old Lady”



Divulgação



Divulgação



## Biografia de Eve Ferretti

Evelise Ferretti Manffra, conhecida como Eve Ferretti, tem cidadania brasileira e italiana. Suas raízes vêm de lá; sua história de vida, do Brasil. Atualmente vive em Portugal.

Eve Ferretti nasceu em Curitiba (PR) e formou-se em Comunicação Visual pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em 2004, foi contratada por uma editora e lá redescobriu a ilustração. Fazendo teatro e estudando Commedia Dell'Arte e Clown, percebeu que tinha talento para o tragicômico. Também estudou pintura clássica e desenho por alguns anos.

É Mestre em Ilustração e Animação pelo Instituto Politécnico do Cávado e Ave (IPCA), em Portugal.

Escritora/roteirista e ilustradora, faz animações e tem um histórico rico em livros.

Como autora e ilustradora, publicou “Moscas e outras memórias” (Editora Aletria), “A menina que organizava” (Editora Peirópolis) e “O Homem que soltava pum e outras histórias” (Editora Blue Book Portugal).

Como ilustradora, tem quase uma dezena de livros em seu currículo: “Os cabelos de Crisálida”, de Emilie Andrade (Editora SESI-SP), “A vida acidentada de um vampirinho e outras aventuras de Draculinha”, de Carlos Queiroz Telles & Eneas Carlos Pereira (Editora FTD), “Que saudades de você”, da Dra. Pat Palmer (pela Editora Paulinas), “Buenos Aires com crianças”, de Fernanda



Paraguassu (Editora Pulp), “Livro dos Pés”, de Liana Leão (Editora Edebe), “Preguiça, Coragem e outros bichos”, de Priscila Prado (Editora Insight), “Na sopa do sapo”, de Álvaro Polset (Editora Insight) e “Quem sou eu?”, de Aline Pinto, (Editora Edebê).

Na área de literatura/ ilustração, o livro “Moscas e outras memórias” recebeu menção honrosa no Prêmio de Literatura João de Barro 2014 e também foi selecionado para o Cátedra Unesco 2016. Outro

projeto muito interessante e diferenciado, o projeto Célia Celiaca, recebeu o “Prêmio Poliemprende” em Portugal. Em 2012, foi diagnosticada com doença celíaca e em 2015, depois de um grave problema de saúde, começou a usar sua arte para falar sobre a doença. Criou a personagem Célia Celiaca.

Na área de animação, produziu e criou um curta-metragem chamado “The Old Lady”, que conta a história de uma senhora que

senta todas as tardes no mesmo banco da praça. Certo dia, ela começa a lembrar momentos felizes da sua juventude, que revelam surpresas incríveis.

O curta foi indicado para importantes festivais, como Anima Mundi 2015 (na categoria Panorama Internacional), Brasil Stopmotion, Stopmotion Montreal do Canadá, Future Film Festival da Itália e Cerano Film Festival da Itália.

Recebeu Menção Honrosa na “Mostra Olhar Brasil de Animação” no Dia Internacional da Animação em 2015.





Mari Ines Piekas



# Mari Ines Piekas:

## *Uma floresta na arte e na vida*

Conheci Mari Ines em 2002, por ocasião do “Encontro sobre a Criatividade”, ofertado pelo artista, gravador e aquarelista – e também pesquisador de diversas técnicas – Orlando DaSilva, no *SESC da Esquina* de Curitiba, e logo depois tive oportunidade de visitar sua primeira exposição individual de litografias no Solar do Rosário, intitulada “Floresta de Szczek”, cujas obras me impressionaram por seu conteúdo emocional, além da delicadeza de sua técnica. Um emocional epistêmico, na medida em que essas obras são também fonte de conhecimento sobre sua bagagem espiritual, proveniente de sua ancestralidade polonesa. Mari Ines escolheu como epígrafe do catálogo dessa exposição (2002) o seguinte poema de Paulo Leminski, de ascendência polonesa como ela, poema que expressa a espiritualidade escondida por trás de suas gravuras, revelando a confluência entre sensibilidade e técnica que as caracteriza:

*Meu coração polaco voltou  
coração que meu avô  
trouxe de longe pra mim  
um coração esmagado  
um coração pisoteado  
um coração de poeta.*

O “coração artístico” de Mari Ines é, então, um coração de poeta, mas não devemos entendê-lo apenas como possuidor de paixão, senão também como possuidor de uma racionalidade outra, distinta da do intelecto, porém que o complementa. Um coração que é a pura manifestação daquela famosa frase de Blaise Pascal: “O coração tem razões que a razão desconhece”. Em outras palavras, as razões do coração, que se manifestam na arte através da imaginação, potencializam essa bagagem espiritual da nossa artista, conjugando-se com sua técnica para produzir suas obras. Eis o que trataremos de mostrar mediante a interpretação (sempre parcial) de algumas delas.

Minha primeira aproximação, então, com a obra de Mari Ines deu-se através das litografias apresentadas na exposição mencionada, obras que fazem aflorar seu desenho primoroso gravado na pedra – desenho que também guiará suas aquarelas e suas ilustrações, como veremos. A série dessas litografias constitui-se na primeira grande fase de sua produção.

Em 2005, tive a oportunidade de expressar esse viés epistêmico de suas litografias num breve texto para o catálogo “Pintores Contemporâneos do Paraná”, vol. 5, editado pelo Solar do Rosário nesse ano, cujo título foi “A Obra de Arte como Conhecimento”.

Transcrevo o seguinte trecho:

*Talvez ela reproduza a tradição de seus antepassados, o imaginário da sua infância, ou a interpretação surrealista de suas leituras. Talvez como ilustradora de literatura infantil tenha uma necessidade implícita de transmitir, através da plástica, o imaginário de algum texto inscrito em sua mente. [Porém, referir-me-ei aqui a aspectos] mais objetivos que atingiram a minha sensibilidade e que são fonte de conhecimento sobre o mundo real ou imaginado; em última instância, sobre a sensibilidade, por vezes inconsciente, da própria artista. Fui atraído pelas obras de Mari Ines Piekas, algumas reproduzidas aqui, não pela mediação da cor, que [originalmente] não tem, mas pela vibração do seu conteúdo formal, que estimulou a minha percepção matemática: achei nelas regularidade, abstração, inversão, estrutura espacial, simetria, todos [eles] valores tanto matemáticos quanto estéticos. (2005, p. 56)*

Também sugeri nesse texto, ousadamente, que algumas características das obras dessa fase a aproximam do artista gráfico holandês Maurits Escher, não significando alguma influência, mas uma intuição própria. Essas características dizem respeito, por exemplo, à representação do infinito pela evolução e metamorfose das figuras, como em “A bela cidade”, uma litografia aquarelada. Além disso,

destacamos um dos aspectos mais inovadores de algumas de suas obras: mesmo sendo figurativas, a relação figura-paisagem é dialética, pela inversão entre os personagens e a paisagem, o que se manifesta, por exemplo, em “Jan esperando a neve” ou ainda em “Século XV”. Porém, apesar dessas semelhanças, “há uma diferença essencial: nas estruturas formais das obras de Mari Ines Piekas há poesia e sensualidade, o que não há nas de Escher” (2005, p. 56).

Mari Ines nasceu em 1968 em Almirante Tamandaré, Região Metropolitana de Curitiba, e é formada em Comunicação Visual pela UFPR (1992). Um breve perfil biográfico é necessário para conhecer a trajetória pessoal da nossa artista. Mari Ines, além de sua atividade artística, tem um destacado percurso de profundo significado pedagógico, pois, além de se dedicar permanentemente a dar aulas de desenho e pintura para a faixa etária infantojuvenil, e de ilustração de livros para esse mesmo público, fez estudos de mestrado (2010) e de doutorado (2017) em Artes Visuais na UDESC, direcionando sua pesquisa para a elaboração de uma linguagem visual para o ensino de crianças cegas. Do ponto de vista profissional artístico, cabe destacar os estágios de pós-graduação que fez na Academia de Belas Artes de Varsóvia, em finais dos anos 90, aperfeiçoando-se em cartaz, ilustração de livros e litografia. Na litografia, aprimorou o traço leve e firme que ela exige, e na ilustração, é revelada uma visão idealista da natureza exaltada pelo desenho. Atualmente, atua como professora no Departamento de Artes da UFPR.

A palavra “floresta” que aparece no título deste texto, apesar do feliz encontro com a mesma que está no título da primeira exposição de Mari Ines, já mencionada, não foi motivada por esta. Sua motivação veio, na realidade, da resposta que Albert Einstein, um dos maiores pensadores do século XX, deu a um professor de física que o questionou sobre aspectos da formação de um cientista na atualidade. Einstein disse: “Parece-me que um cientista, hoje, é

uma pessoa que viu milhares de árvores, mas nunca viu uma floresta” (Howard, 2006), aludindo a uma formação puramente técnica do cientista, negligenciando aspectos que deveriam ser relevantes nessa formação, como os que a filosofia (e a história) da ciência lhe propiciariam. Essa formação mais abrangente permitiria aprimorar formas de “percepção” da “floresta do conhecimento científico”, o que contribuiria para fomentar uma formação mais humana, com independência de pensamento, diríamos melhor, uma “formação com coração”, a que foi perdida com o avanço tecnológico contemporâneo. No caso da formação artística, o reconhecimento do “espírito de floresta” permitirá transcender o puramente técnico, aprimorando a intuição, a imaginação e a sensibilidade necessárias para a criatividade nesse campo.

Nilza Procopiak, no texto “Fernando Calderari, gravuras”, diz:

*Sobre se suas obras seriam racionais ou intuitivas, [Calderari] responde: “O racional, para mim, funciona no que se refere à técnica a empregar. Sei, por exemplo, que, usando de tal ou qual técnica, acabarei conseguindo este ou aquele efeito. Isso é o racional, no meu trabalho. Porém não parto disso para criar as minhas telas, nem meus desenhos; uso-o para equacionar e resolver os meus problemas plásticos: composição e harmonia. Quanto às formas, quase que constantes em minha obra, estas sim é que são produto de uma intuição, talvez originadas em reminiscências ainda não descobertas. (2006, p. 5)*

Esse “espírito da floresta”, expresso por Einstein, já permeia a produção plástica de Mari Ines e também a sua vida. Eu não me considero um crítico de arte, mas um “amador” da arte e, por consequência, amador dos artistas que a produzem – amador no sentido clássico apresentado por Platão no seu diálogo “O Simpósio” (ou “O Banquete”). Nele, Platão discorre sobre o amor como uma forma sublime

de acesso ao conhecimento, o amor como uma ascense espiritual rumo à sabedoria, o próprio espírito da filosofia. Com esse espírito, pretendo me aproximar das obras de Mari Ines, apreciando-as com um olhar de floresta, tratando de incorporar aspectos de sua própria vida como artista e como pesquisadora.

Primeiro, devemos reparar que a obra de Mari Ines, em suas diversas fases e técnicas, está impregnada não apenas de valores artísticos, mas também, e em destaque, de valores culturais. Sua obra é figurativa e seus personagens trazem, primeiro, com a paisagem e arquitetura polonesas, a harmonia de um mundo jovem através do lirismo dessa cultura, sua origem espiritual, como na litografia “Floresta de Szczyk III”, que apresenta uma visão jovem dessa floresta, um mundo construído ao avesso, no imaginário infantil, pelas crianças representadas nas quatro esquinas do quadro; ou como na aquarela “Pato de Ouro”, ápice de sua produção aquarelística (e com uma técnica inovadora: aquarela sobre tela), que nos traz, ilustrando-a, uma das lendas do folclore polonês.

E, segundo, que parte de sua obra também nos transmite a sua vivência paranaense, dada pela sua experiência cotidiana e traduzida, para mim, num certo “paranismo” reinventado, como na litografia “Calçada de Curitiba”, uma das primeiras de sua produção. Aliás, esse paranismo também é colocado com uma certa ingenuidade infantil nas obras “Araucária Paranaense” e “Gralha-Azul”, mostrando, metaforicamente, e através de uma bela síntese, a relação entre os símbolos do paranismo: na primeira, entre o pinhão e o pinheiro (ou araucária), e na segunda, entre a pinha e a gralha-azul. Essa ingenuidade infantil, ou infantojuvenil, caracterizará todas as suas ilustrações, realizadas em desenho, litografia ou aquarela. Um exemplo mágico é a litografia “Viagem pelo Céu”.

As litografias “Poesia I” e “Poesia II” nos trazem a cosmologia espiritual de Mari Ines, uma interpretação ingênua da

“harmonia das estrelas”, sendo esta uma forma de entender o cosmos desde Pitágoras, tanto do mundo exterior quanto do mundo interior, com sua bagagem de humanidade, em que a música era a forma pitagórica de harmonizar ambos os mundos.

Essa combinação entre arte, filosofia e também poesia é a que predomina em suas ilustrações, algumas matizadas com colorido, outras não. Um grupo de ilustrações que particularmente me chamou a atenção foi o desenvolvido para o livro “Uma janela para a Filosofia”, de Maurício Abdalla (2004). É um livro de filosofia (para jovens) com um discurso metafórico, que é um meio de comunicação que visa “sentir a filosofia” (Abdalla, 2004, p. 4) mais que “pensar a filosofia”, sendo a linguagem visual essencial para esse fim, tarefa que Mari Ines desenvolve com maestria. Segundo Abdalla, “o enredo foi inspirado na tela de René Magritte *A chave dos campos*” (p. 4). Magritte é, justamente, um artista idôneo para discutir filosofia através da arte, e Mari Ines faz uma releitura desse artista na gravura “Filosofia II”, em que se representa a principal lição do texto: a atitude de filosofar é mais importante do que o aprendizado teórico da filosofia.

Para Abdalla: “De nada adianta sabermos reproduzir o veículo [as palavras] se não conseguimos reter a sua carga” (p. 5). As ilustrações de Mari Ines são a “carga” que transporta as palavras do texto que ilustram. Através da imagem, tornam-se, então, um pensamento visual.

A preferência de Mari Ines pela ilustração infantojuvenil reflete sua sensibilidade feminina, traduzida em delicadeza, valor da família, senso de proteção etc., valores que também incorpora na sua visão da natureza. Numa de suas últimas fases, ainda em andamento, Mari Ines captura a graça interna dessa natureza, o que é efêmero nela e o que precisa ser preservado. As obras de 2014, “Vitória-Régia”, “Serra do Mar” e “Mangue”, têm um conteúdo político-ecológico que, embora não consciente, apresenta uma visão de natureza sem a violência da contemporaneidade.

Em “Vitória- Régia”, uma planta da família das ninfeias amazônicas (talvez uma releitura dos nenúfares de Monet), Mari Ines atribui a essa paisagem natural a dimensão do mundo, sendo ela, com a criança cuidando-a e desfrutando dela, uma promessa para um mundo melhor.

Em “Serra do Mar”, a criança em bicicleta dirige-se, num percurso interminável, a um horizonte encantado, metáfora da procura dos valores ambientais que precisam ser reconstruídos.

Finalmente, em “Mangue”, com a singeleza sublime de um traço tão delicado como os de origem japonesa, Mari Ines expressa, como ela mesma reconhece, o encontro silencioso com a natureza, que também significa um reencontro com ela própria. Novamente, como em Pitágoras, neste caso é a música do silêncio que permite esse reencontro. Que melhor mensagem para uma educação ecológico-ambiental através da arte?

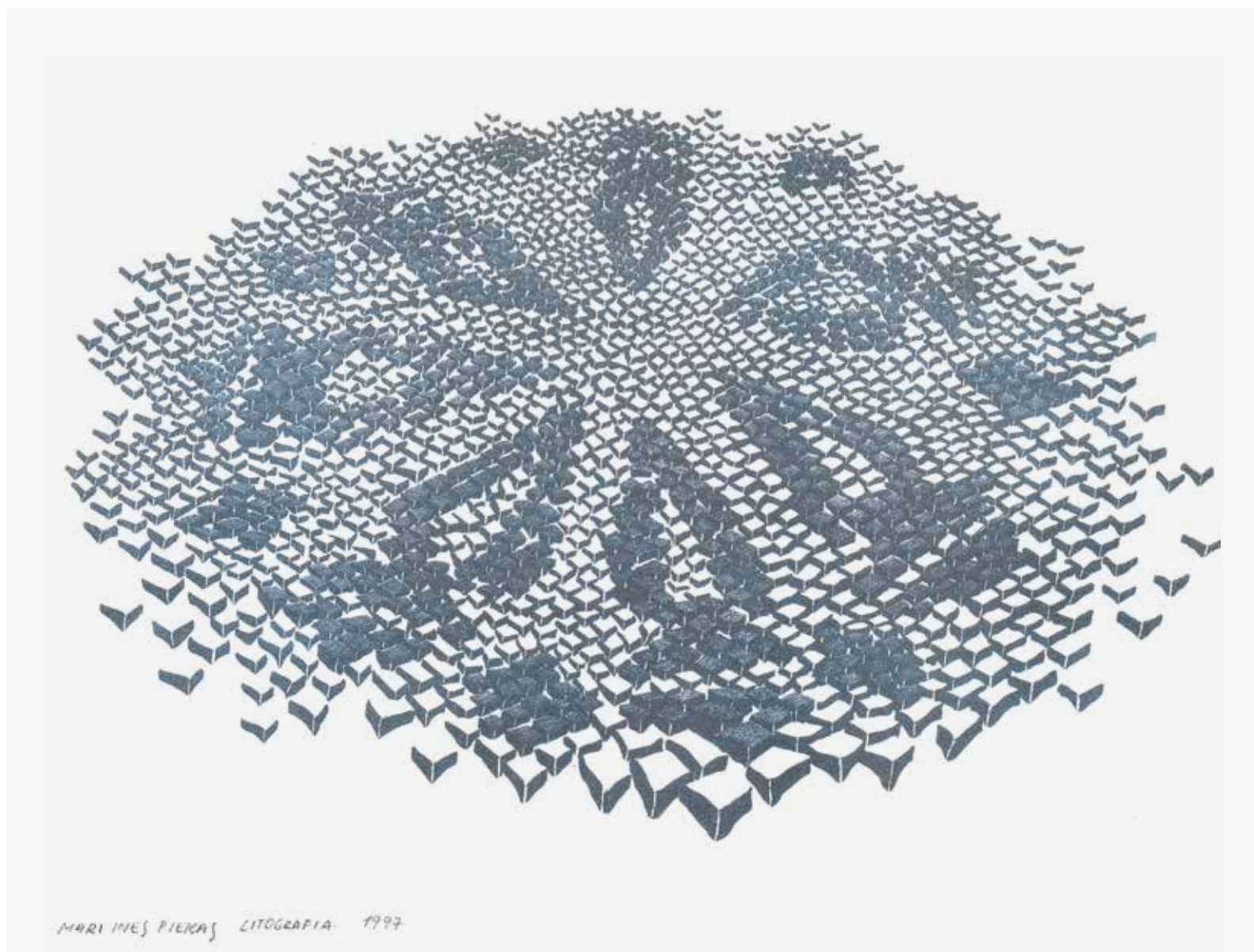
**José Carlos Cifuentes**

Professor de Matemática e Filosofia da Matemática  
Universidade Federal do Paraná

### Referências

- ABDALLA, M. *Uma Janela para a Filosofia*. Ilustrações de Mari Ines Piekas. São Paulo: Paulus, 2004.
- CIFUENTES, J. C. A obra de arte como conhecimento. In: CASILLO, Regina de Barros Correia (Org.). *Pintores Contemporâneos do Paraná*, vol. 5. Curitiba: Solar do Rosário, 2005.
- HOWARD, D. Albert Einstein como filósofo da ciência. *Revista Crítica*, 09/04/2006. Disponível em: [http://criticanarede.com/cie\\_einstein.html](http://criticanarede.com/cie_einstein.html). Acesso em agosto de 2019.
- PIEKAS, M. I. *Floresta de Szczek*: litografias. Catálogo da Exposição no Solar do Rosário, Curitiba, 2002.
- PROCOPIAK, N. *Fernando Calderari, gravuras*. In: Catálogo da Exposição de mesmo nome no Museu da Gravura. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2006.





*“Calçada de Curitiba”*

Litografia  
25x35cm

1997



**“Ilusões”**

Litografia colorida  
40x44cm

1997

*Por Maurício Abdalla 'Ilusões' Galeria Espaço Arte, 1997*



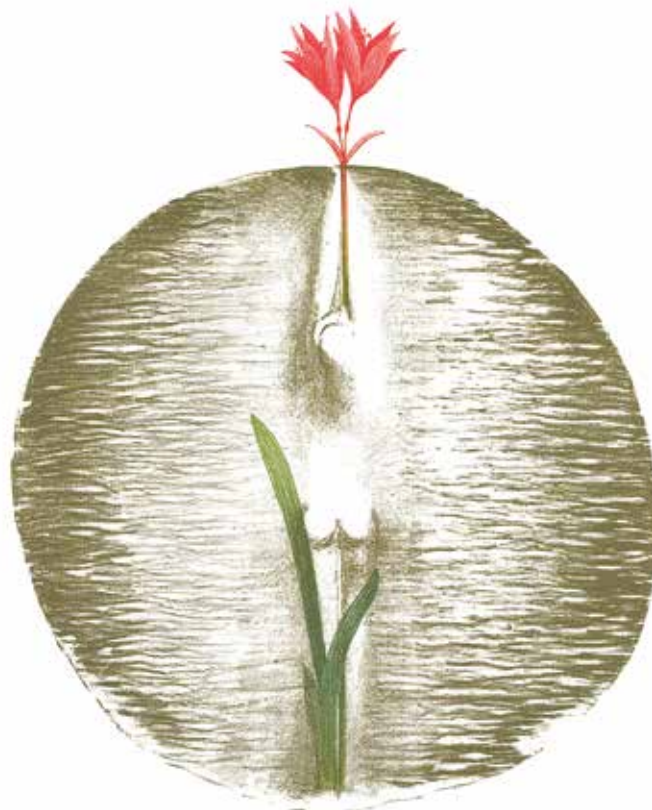
**“Filosofia II”**

Litografia  
24x16cm

2004

Imagem realizada para o livro *Uma janela para a filosofia*,  
de Maurício Abdalla, Paulus Editora, 2004

**“Açucena”**  
Litografia colorida  
30x25cm  
2006



6/20 Mares Artes Plenas "Açucena" Carolina Pimenta Costin 2006

**“Noturna”**  
Litografia  
38x26cm  
1998



19/22 Mares Artes Plenas "Noturna" Carolina Pimenta Costin 1998

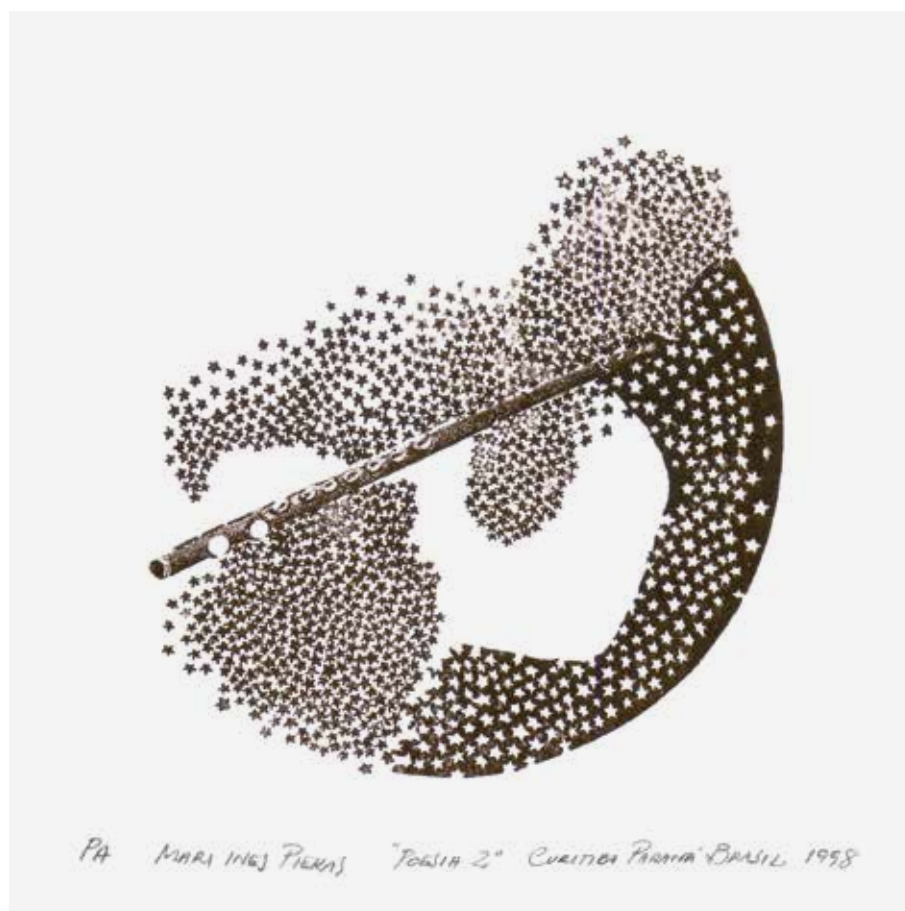
**“Poesia 1”**

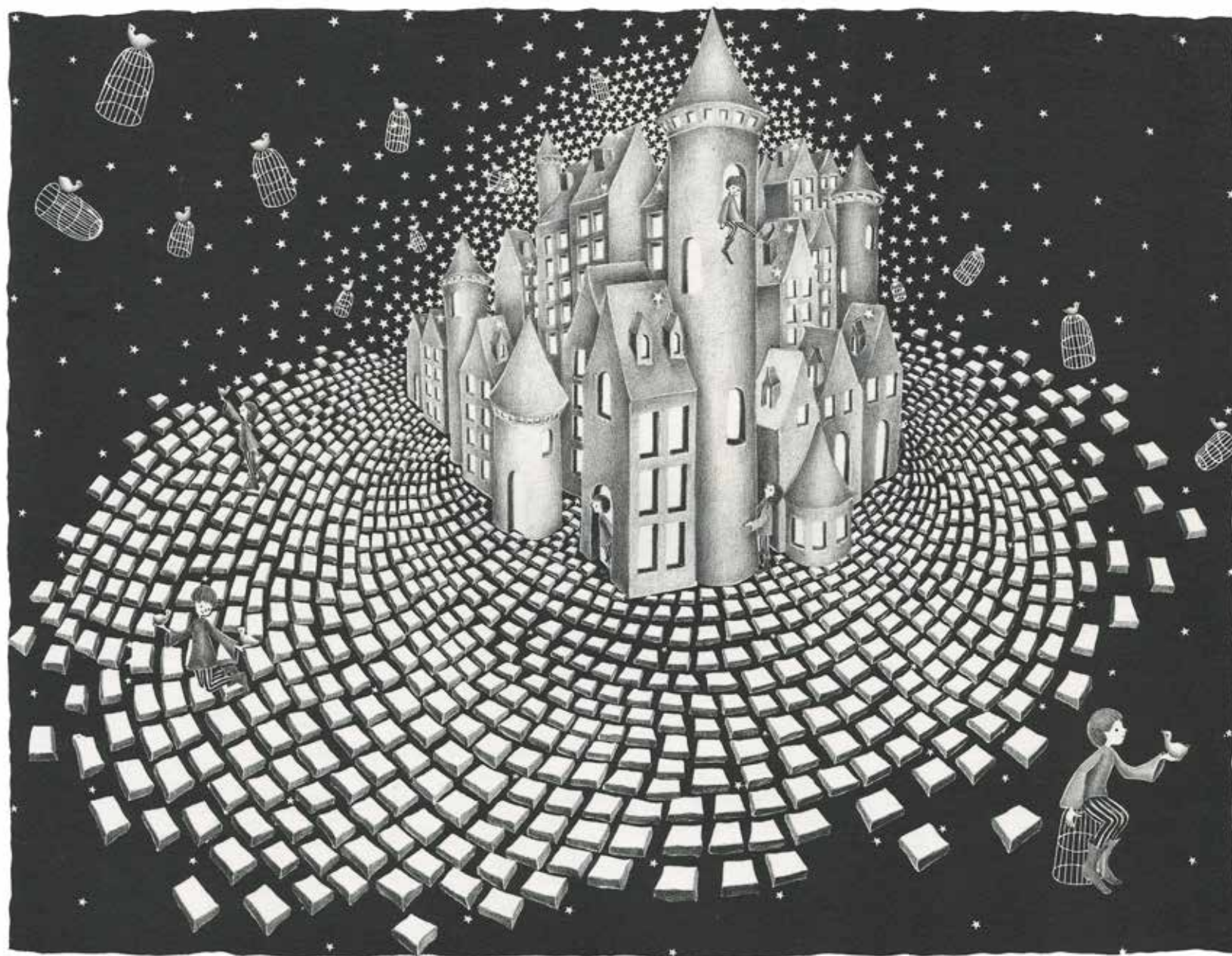
Litografia  
15x15cm  
1998



**“Poesia 2”**

Litografia  
15x15cm  
1998





08/45

MARI INÊS PIZARAS

"VIAGEM PELO CÉU"

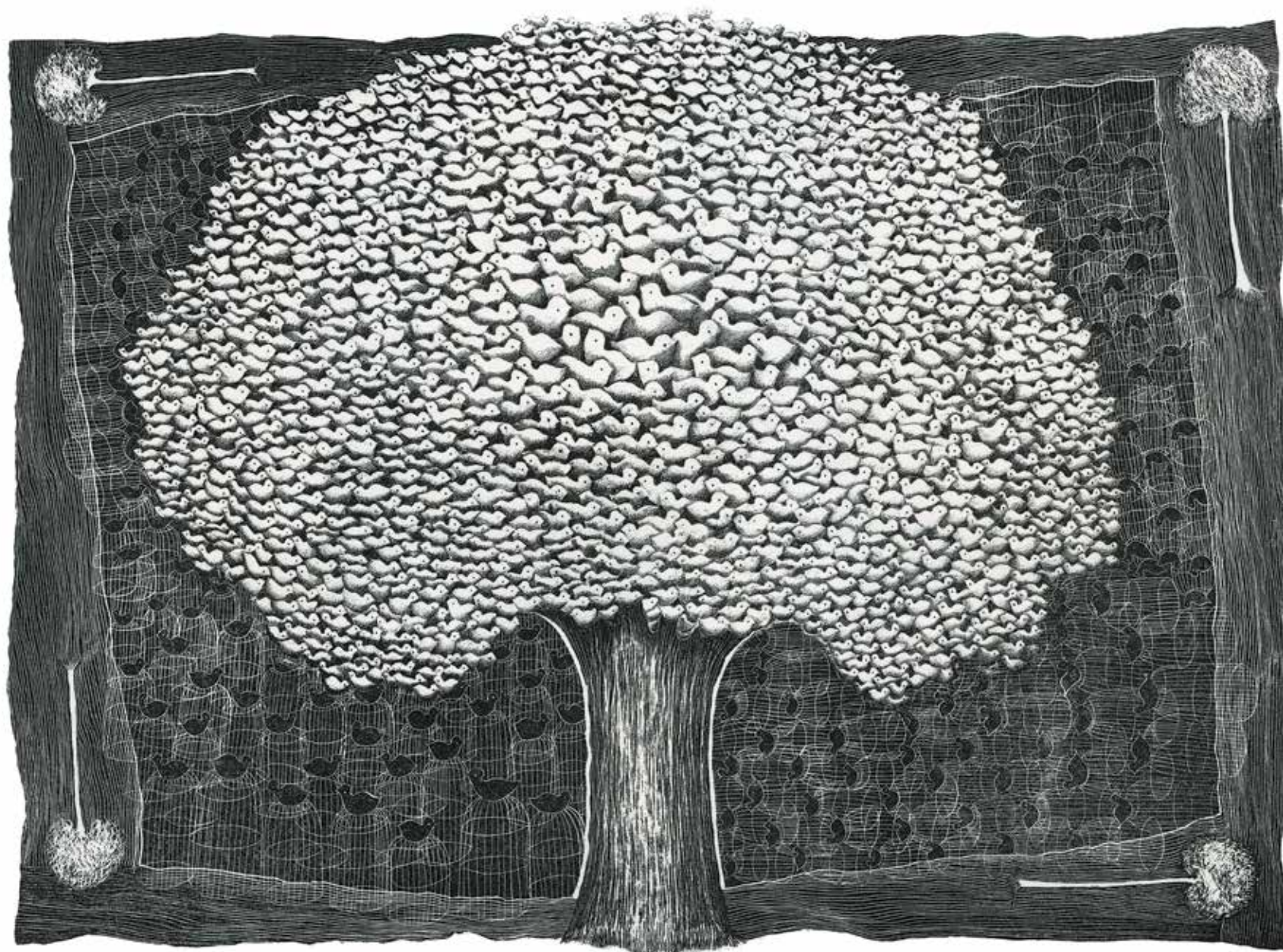
CURITIBA PARANÁ BRASIL

LITOGRAFIA

2007

**"Viagem Pelo Céu"**

Litografia  
50x65cm  
2008



08/30

Maria Inês Flexas

"1205 Pássaros II"

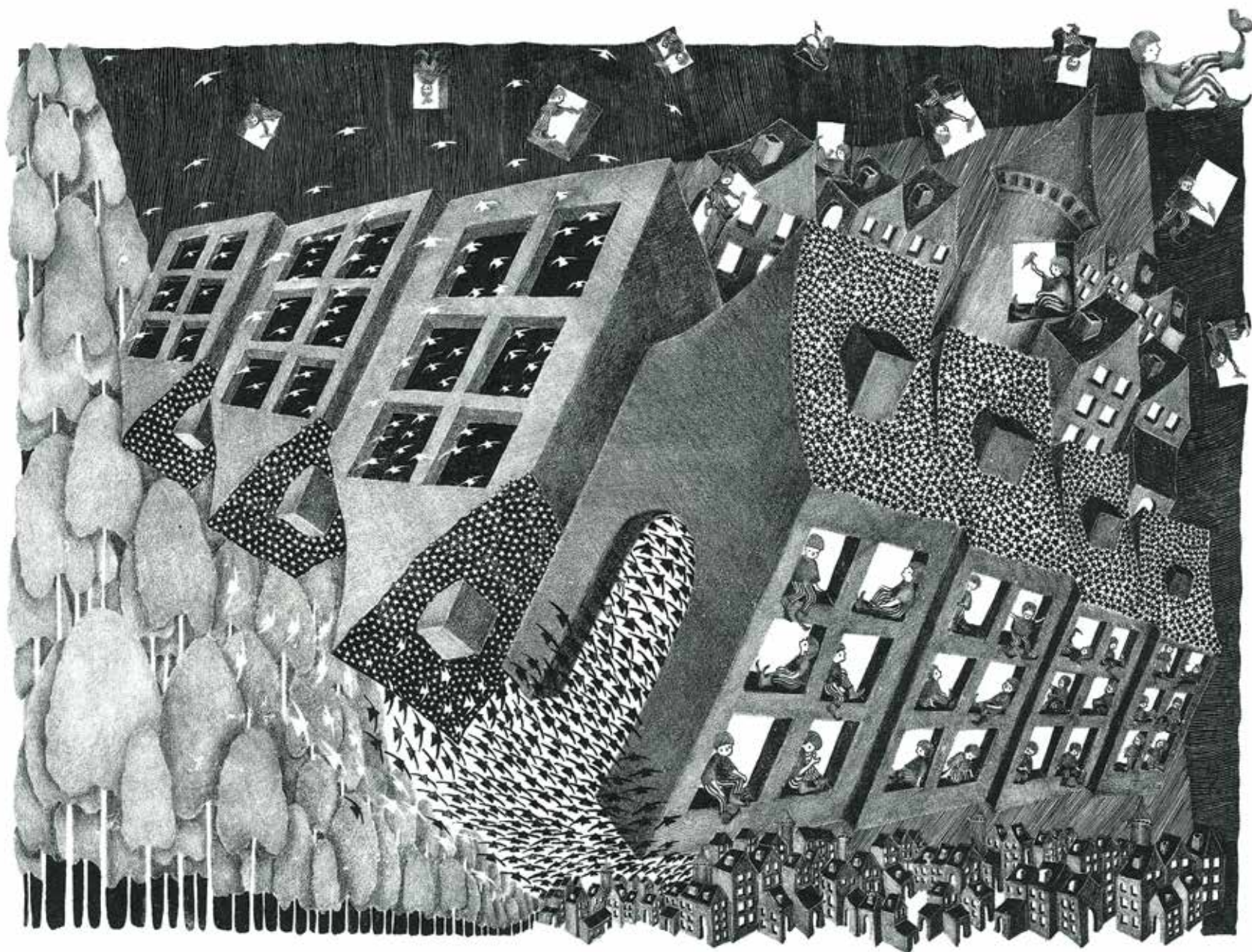
Curtina Premi Brasil

Litografia

2009

### "1205 Pássaros II"

Litografia  
50x65cm  
2004



6/21

Maria Ines Farias

"Jan Esperando a Neve"

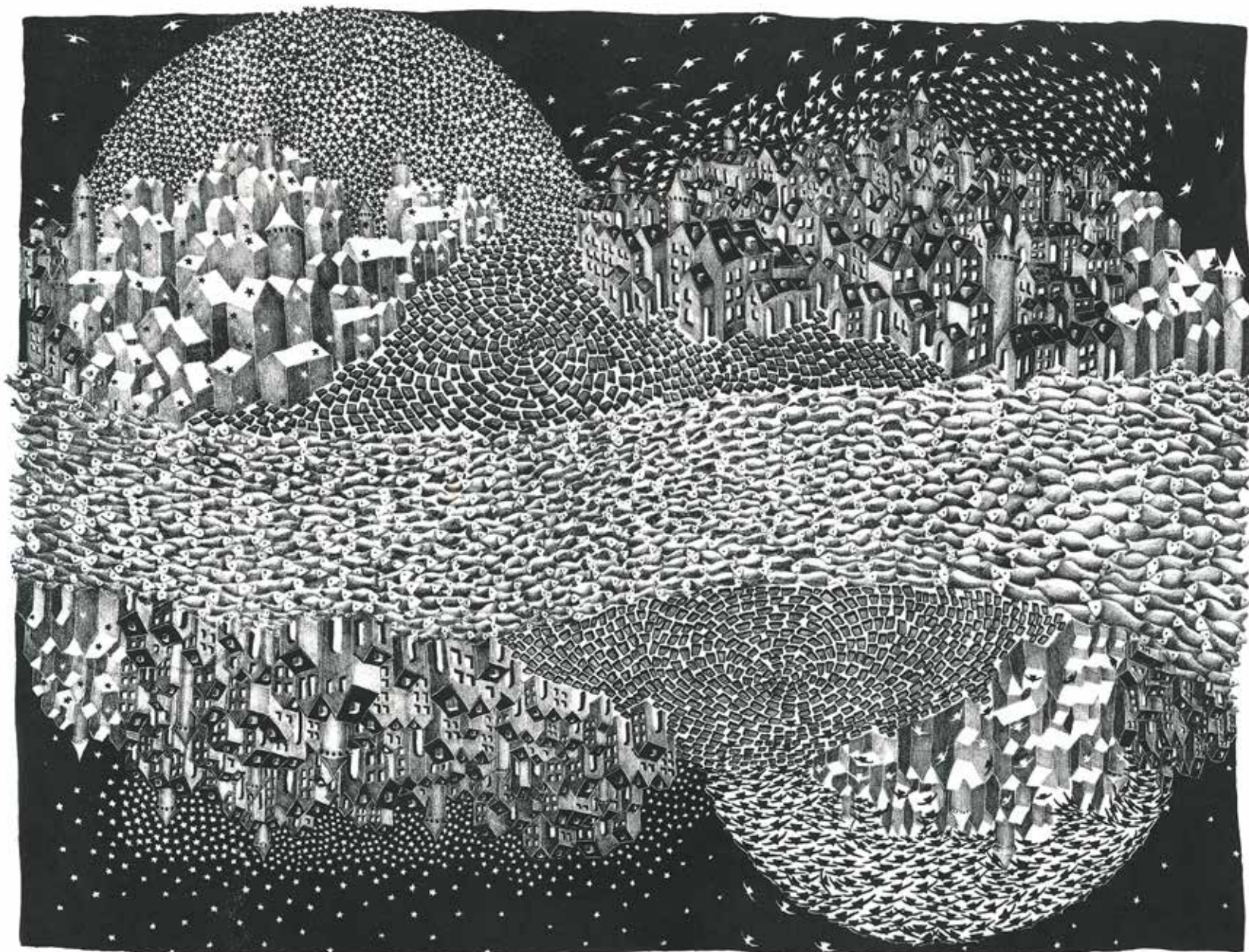
Curitiba Paraná Brasil

LITOGRAFIA

2002

*"Jan Esperando a Neve"*

Litografia  
50x65cm  
2002



7/20

Manoel de Fátima

"Século XV"

Quinta Praça Brasil

LITOGRAFIA

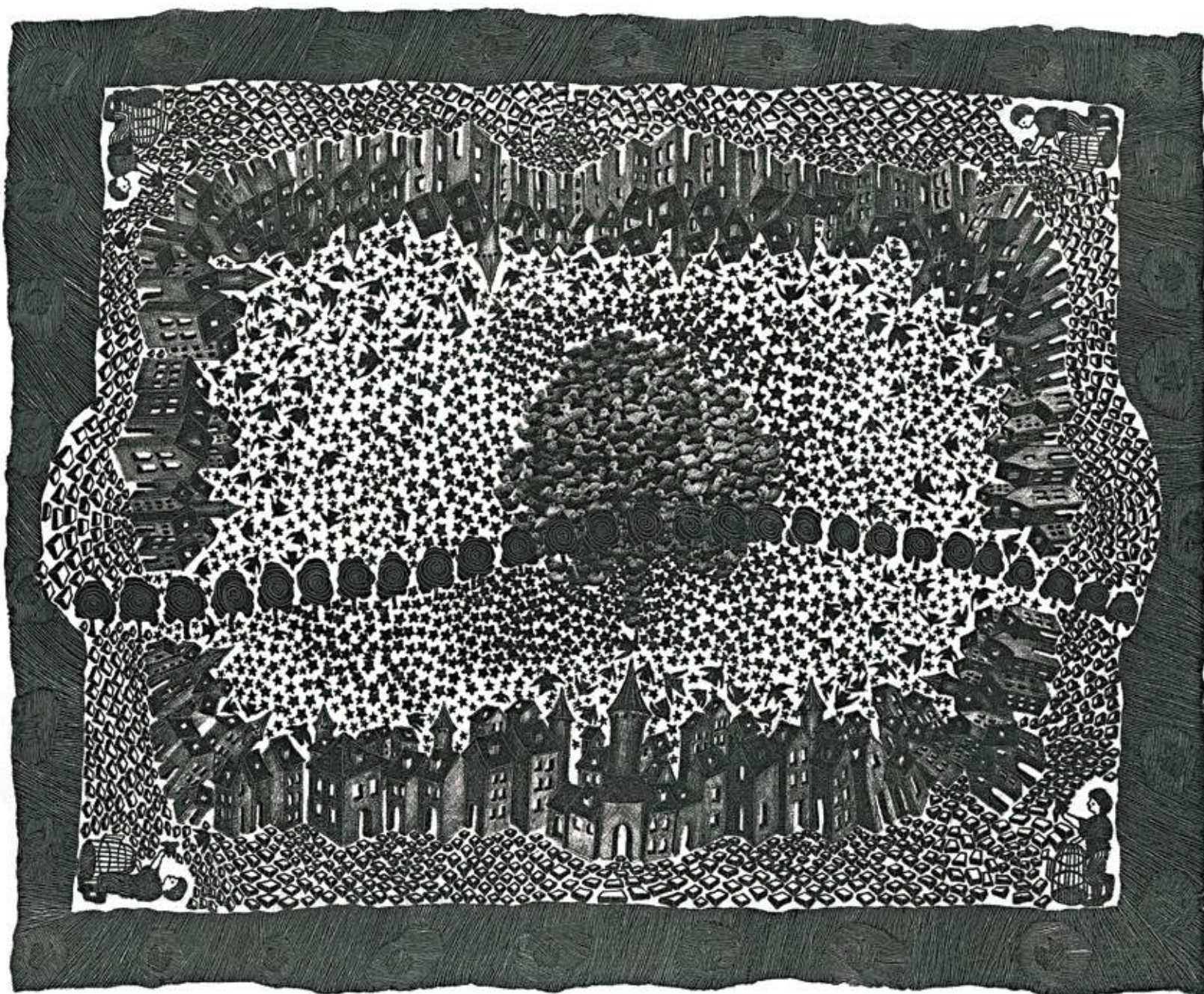
2002

### "Século XV"

Litografia  
50x65cm

2002





19/20

27.00070

Manus Floras

"Floresta de Szczek III"

Curitiba Paraná BRASIL

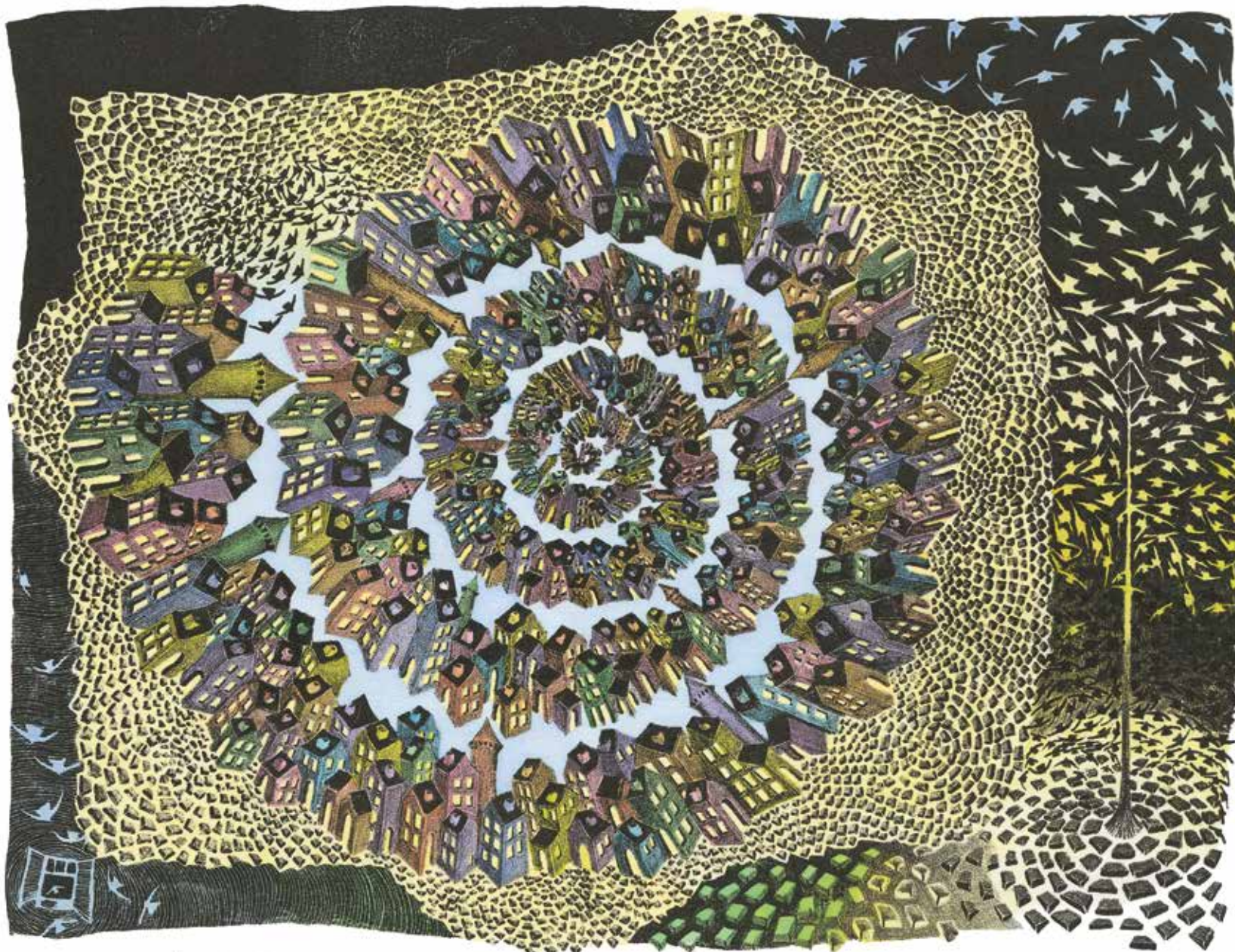
LITOGRAFIA

2001

"Floresta de Szczek III"

Litografia  
50x65cm

2001



4/40

Maria Inês Félix

"A Bela Cidade II"

Gravada por Maria Inês Félix

Litografia  
Pólvora

2001

### **"A Bela Cidade II"**

Litografia aquarelada  
50x65cm

2001



4/10.

Mari José Ferraz

"AS ASAS DE JAN II"

Estimada Família Brasil

Estimada Família  
Politécnica

2006

**"As Asas de Jan II"**

Litografia aquarelada  
50x65cm

2006



FA MARINHA FARIAS "VALPARAÍSO" CURITIBA FÁBICA BRASIL LITOGRAFIA 2012

**"Valparaíso"**

Litografia colorida

45x30

2012



**“Viagem Pelo Céu III”**

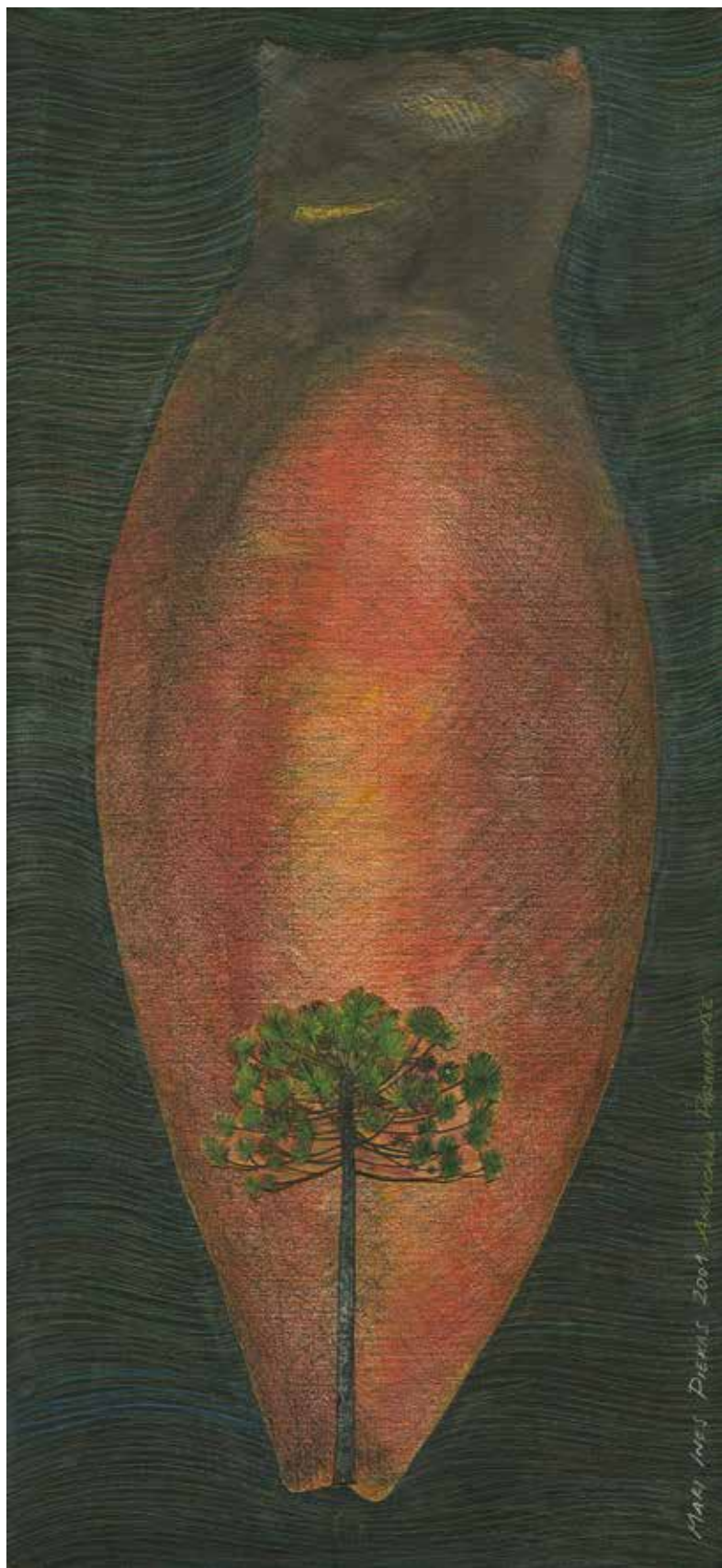
Litografia e lápis de cor  
39x37cm

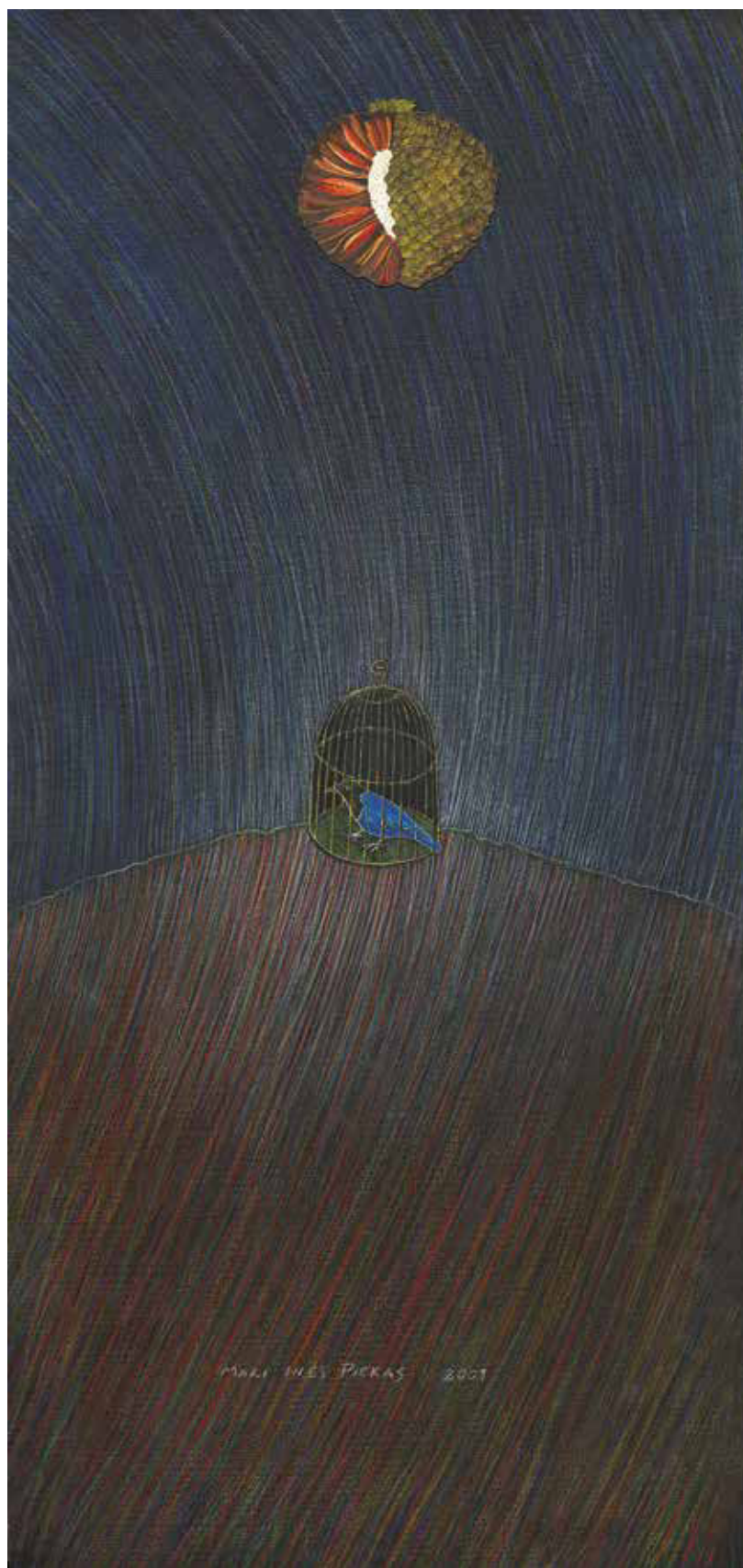
2010

*“Araucária Paranaense”*

Aquarela e lápis de cor  
65x31cm

2001





**“Gralha-Azul”**

Aquarela e lápis de cor  
65x31cm

2001



**“Złota Kaczka”**

Aquarela  
30x40cm

**2015**

Imagem realizada para o livro *Lendas Polonesas*, da Casa da Cultura Polônia Brasil, 2016



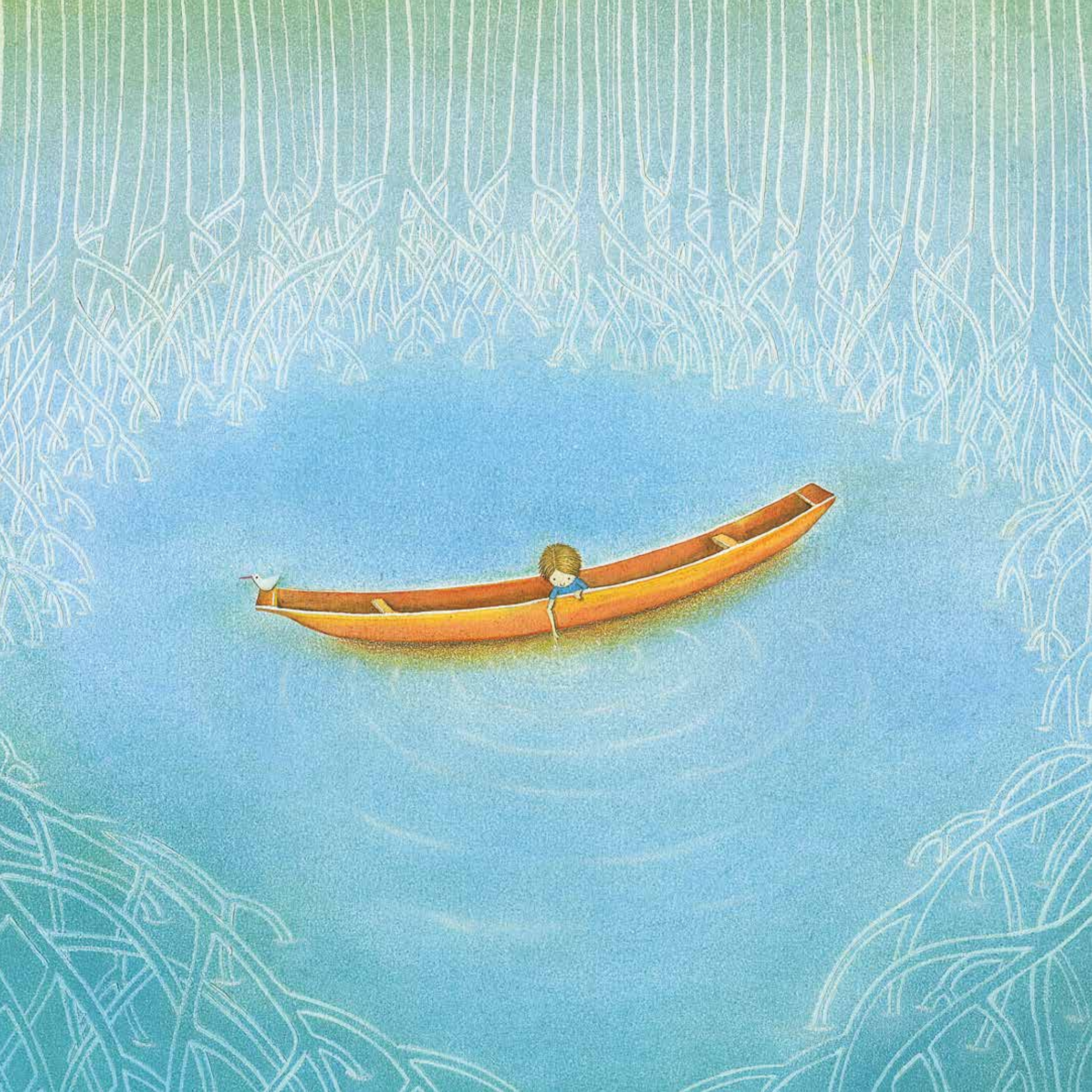


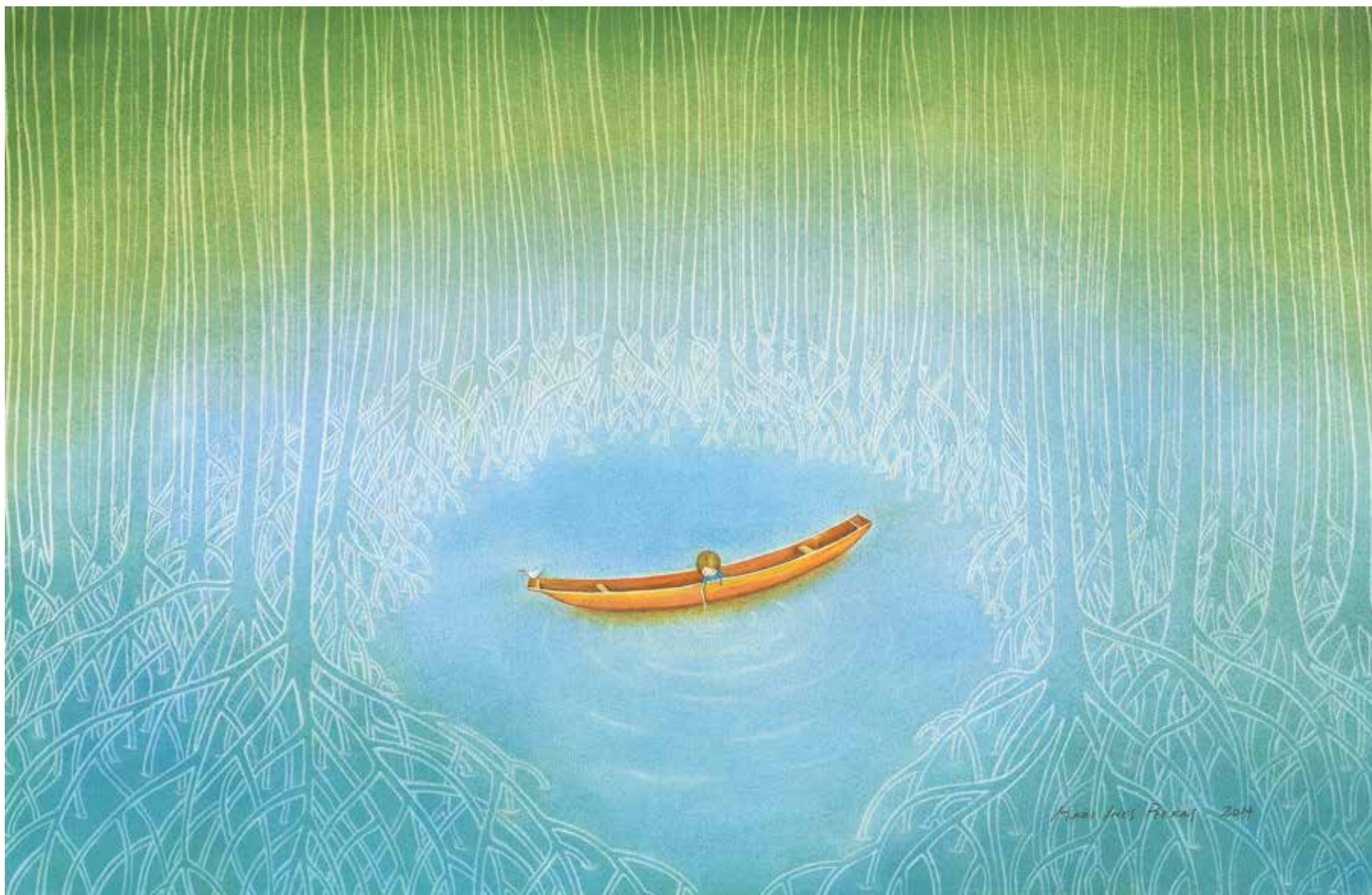
*“Sábado à tarde, no sul do Brasil”*

Aquarela  
40x50cm

**2015**

Acervo do Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego – Varsóvia, Polónia



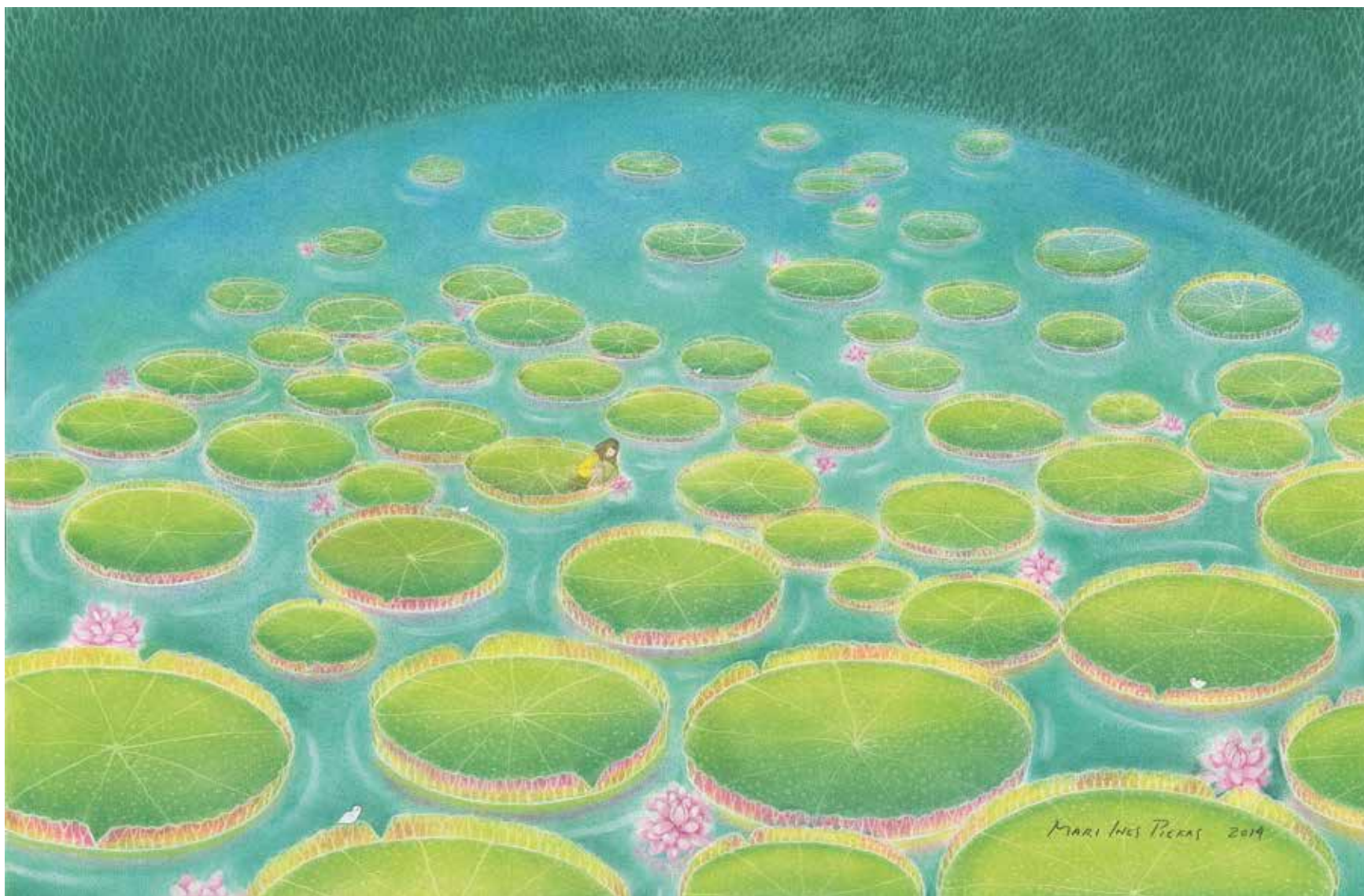


**“Mangue”**

Mista (guache, pastel seco e aquarela)  
38x59 cm

**2014**

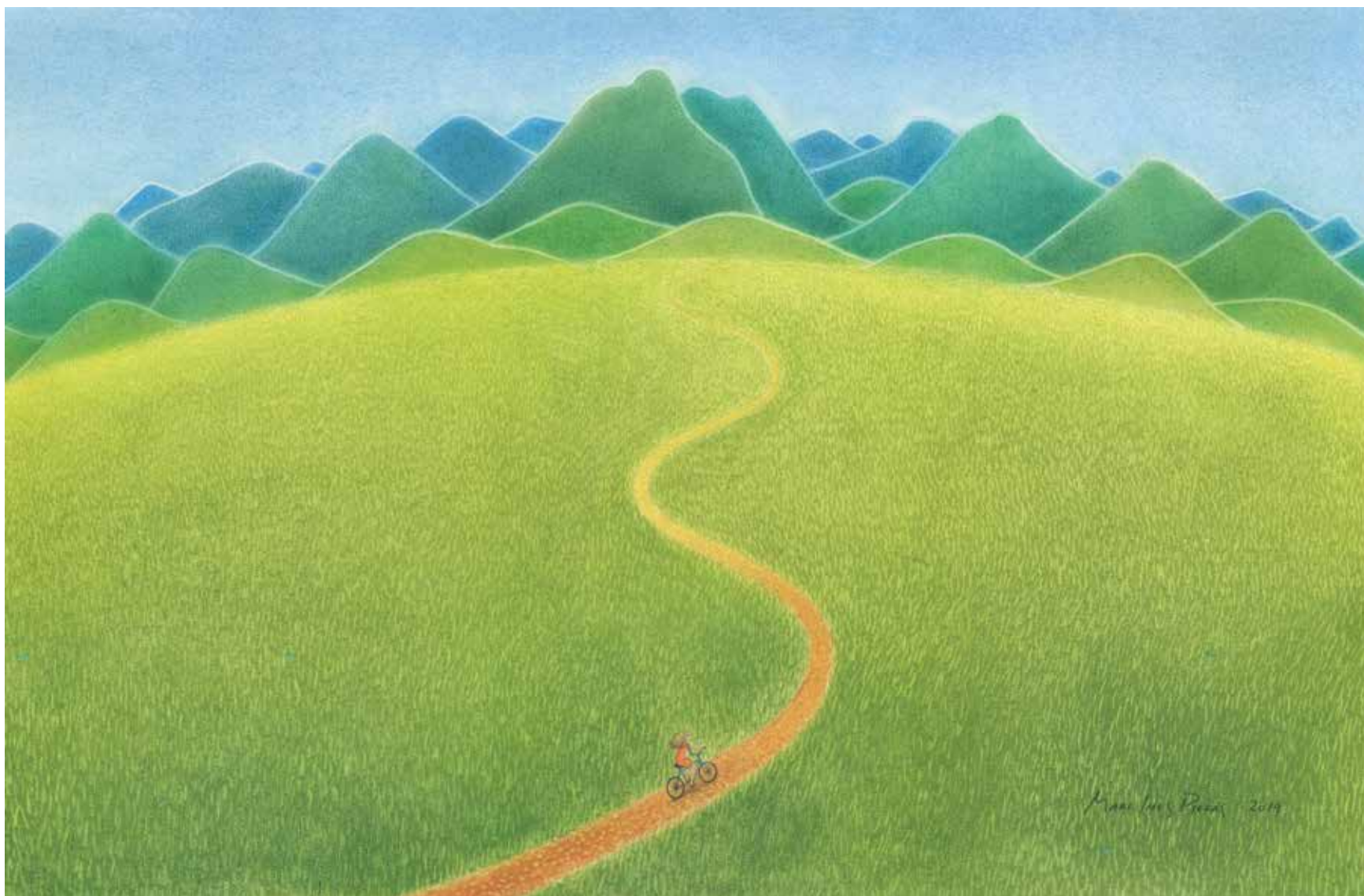
Página oposta, detalhe da obra



**“Vitória-Régia”**

Mista (guache, pastel seco e aquarela)  
36x56cm

2014



**“Serra do Mar”**

Mista (guache, pastel seco e aquarela)  
36x56cm

**2014**



**“Pinhão”**

Mista (guache, pastel  
seco e aquarela)  
58x38cm

**2014**



*Trichocline catharinensis* (Cavara) W. Greuter & Burdet  
Nova Lusitana - Campos Gerais do Sul - Paraná  
Escale, 1971

Illustração: Maria Inês Frazão 2001

***“Trichocline Catharinensis”***

Aquarela  
30x42cm

**2001**

Menção Honrosa no IX Concurso de Ilustração  
Botânica Margaret Mee, RJ, 2001



*Casa de Alberto Piekas*

Nanquim sobre aquarela

28 x 65 cm

1986



## Biografia de Mari Ines Piekas

Mari Ines Piekas nasceu em 1968, no Paraná. Seu avô paterno, Michał Piekas, veio ainda criança, oriundo do vilarejo de Stare Siołkowice, região da Silésia, Polônia. Depois da chegada dos imigrantes no Rio de Janeiro em 1886, no vapor Valparaíso, a família viajou para o Sul do Brasil, fixando-se nos arredores de Curitiba, na Colônia Antônio Prado, em Almirante Tamandaré, local onde várias famílias semearam suas tradições e religiosidade. Mari Ines nasceu nesse mesmo local, sendo a quinta filha de João Piekas e Cidália Piekas. Desde a infância, demonstrou grande interesse pelo desenho, descobrindo muito cedo a possibilidade de expressar-se por linhas, cores e formas.

O contato com as aulas de História da Arte e de Composição Gráfica no antigo CEFET-PR, por meio dos professores Fernando Bini, Maria Cecília Noronha e Hans Urban, a motivaram na continuação dos estudos em Comunicação Visual na Universidade Federal do Paraná. Um dos importantes trabalhos realizados logo após esse período foram as ilustrações para a *Lista Vermelha de Plantas Ameaçadas de Extinção no Estado do Paraná*, de Gert Günther Hatschbach e Sílvia Renate Ziller, de 1995, sendo que uma de suas imagens recebeu Menção Especial no IX Concurso de Ilustração Botânica Margaret Mee, no Rio de Janeiro, em 2001. Além de trabalhos nesse âmbito, a artista voltou-se com grande interesse para a produção gráfica da Polônia, a partir da realização de um curso em Curitiba com o professor Lech Majewski, e mais tarde, entre 1998 e 1999, como bolsista do governo polonês, em estágio de pós-graduação na Academia de Belas Artes de Varsóvia, onde estudou cartaz, ilustração para literatura infantil e litografia, áreas em que começou a atuar com grande êxito após o seu retorno ao Brasil.

Com o propósito de se aprimorar ainda mais nas artes visuais, passou a frequentar os ateliês livres de gravura do Centro de Criatividade e do Solar do Barão, ambos da Fundação Cultural de Curitiba. Além da gravura, realiza com grande empenho ilustrações e pinturas com aquarela, lápis de cor, giz pastel, guache e bico de pena sobre papel, alcançando soluções gráficas minuciosas e com grande riqueza de detalhes. Entre suas exposições, estão o 1º Salão de Artes Plásticas de Araucária/PR (2000),

o 2º Salão de Artes Plásticas de São José dos Pinhais/PR (2001), o X Salão Municipal dos Novos, em Joinville/SC (2001) e o 5º Salão de Artes Plásticas de Paranaguá/PR (2003), tendo recebido Menção Especial no 1º Salão de Artes Plásticas de Pinhais/PR e homenagem da Câmara Municipal de Curitiba pelo conjunto de sua obra no livro *Pintores Contemporâneos do Paraná nº 5* (Solar do Rosário, 2005). Entre as suas mostras mais recentes, está a coletiva itinerante *Brazylijska Natura Spojrzenia i Inspiracje*, em Varsóvia e em Cracóvia (2014-2015), e a exposição no Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego, cuja obra é resultado da residência artística que realizou em Przewięż, na cidade de Augustów, Polônia, 2015.

Na intenção de se aprofundar no ensino do desenho, iniciou pesquisas sobre o desenhar na infância e o ensino de desenho para crianças cegas, realizando mestrado e doutorado em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Santa Catarina. Como parte do resultado de seus estudos, publicou, em coautoria com a Dra. Maria Lúcia Batezat Duarte, o livro *Vocabulário Pictográfico para Educação Inclusiva* (Editora Insight, 2013) e teve seu projeto de livro multissensorial selecionado no Concurso Internacional Typhlo & Tactus (França, 2015).

Mari Ines Piekas ministra aulas de desenho e pintura na Associação Cultural Solar do Rosário desde 2004, e também atua como professora substituta na Universidade Federal do Paraná, no

cursos Artes Visuais. É membro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas e da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. Atua como vice-presidente da Casa da Cultura Polônia Brasil (Gestão 2012 a 2020), instituição sem fins lucrativos que realiza pesquisa, intercâmbio, cooperação, integração e promoção do patrimônio, tradições e costumes da comunidade polono-brasileira junto a suas entidades, através de eventos e projetos.

Em 2018, a artista recebeu, do Ministro da Cultura e do Patrimônio Nacional da Polônia, a condecoração *Zasłużony dla Kultury Polskiej*, por sua importante atuação em prol da cultura polonesa. Atualmente mora em Almirante Tamandaré, na Colônia Antônio Prado.





Paula Schmidlin



# Paula Schmidlin

É solitária na sua arte. A maioria dos artistas querem agradar e nem sempre criam o que sentem, mas Paula vive e revive os dramas sociais, suas hipocrisias, injustiças, preconceitos. Há significado no emprego das cores, que parecem representar dor, alegria, sem precisar de contornos. Os desenhos vieram da mesma forma, do seu interior e após um delírio febril, em que, na cama ainda, com bico de pena e nanquim, traçou figuras num misto de expressionismo e surrealismo. Justifica o gosto pelo figurativo, porque a figura transmite e expressa sentimentos, o que não é o caso da natureza-morta. Contra esse conformismo da arte que se rende aos critérios comerciais ou a combinar com o sofá da sala, Paula explora aspectos dramáticos regionais, populares ou épicos. Aprecia muito pintar mural.

No lixão da Caximba, buscou a realidade brasileira, não se importando com o odor nauseabundo, nem com o suor dos catadores, com os bêbados, os famintos. Nada a assusta, mas comove, e ela nos leva a ver o povo – não quer discriminação na arte. Por que essa temática não provoca espanto na música? Decerto a imagem é mais forte e a superstição também. Baudelaire e Augusto dos Anjos são rapidamente lembrados nas telas de Paula e têm uma grande influência sobre elas. “Augusto dos Anjos nacionalizou a carniça, que ficou sendo mais os despojos de pau de arara brasileiro”. É no diálogo com a obra “Flores do Mal”, de Baudelaire, que Paula Schmidlin faz “A Cadela do Lixão”. Foi convidada a pintar duas telas a óleo durante um programa de Cultura na televisão, no qual a artista escolhe como tema um armazém e o lixão da Caximba.

A concepção de sensualidade, a expressividade de gestos e o exótico figurino das “Meninas” e os frequentadores de bares e bailes ela também repassa para telas e murais.

Usando faca de prata ou pincel e bisnaga, sua técnica e estilo são inconfundíveis. Nada falso quando retrata nossos tropeiros, pois é sustentada por uma vasta bibliografia. Quer, dessa forma, montar uma verdadeira enciclopédia histórica

ilustrada para preencher lacunas nas pinacotecas sobre a história do tropeirismo.

Ela é dostoienskiana quando mostra no desenho o vigor forte realçado num braço, na pata de um animal, ou quando, com as tintas, usa cores vivas no sombrio. Seus cachorros aparecem pintados ou desenhados e são apocalípticos.

É uma expressionista contemporânea. O emprego da bisnaga já não lhe é suficiente – as facadas são mais espessas e rápidas. Suas pesquisas vão até a sucata, formando instalações. Parecem variações de outros trabalhos seus. Novamente, sem medo, destila pássaros, urubus, gralhas-azuis, que mudam constantemente ao se movimentarem pendurados como móbile. A sua arte, sempre sugerida, forma contornos nas sombras que projetam e aumentam ou diminuem de tamanho subitamente. É uma contemplação do relativo em espaço, movimento, projeção e arte. Do nada faz muito – com técnica simples, quer expressar mais. As formas não se limitam – são leves e se insinuam em nossa memória, que as reconhece.

Suas produções mais atuais transmitem aspectos da história por meio da paisagem urbana e dos personagens da cidade. São trabalhos em nanquim sobre tela embasados em pesquisa histórica, além da observação sobre os logradouros e as figuras humanas retratadas. Os desenhos selecionados para este livro retratam a extração do primeiro granito da Pedreira Greca, a imagem da padroeira da cidade sobre a Catedral, as primeiras torneiras públicas de Curitiba, os pioneiros alemães, o Museu Paranaense e o Solar do Rosário juntos e a Ponte Preta da Rua João Negrão.

*Texto adaptado por Lucia Casillo Malucelli*

Diretora do Solar do Rosário





*“Imigrantes Paranaenses”*

Nanquim sobre papel.  
21x29.7 cm

2012



*“Relógio na Rua das Flores”*

Nanquim sobre papel.  
29.7x42 cm

2012





*“Sociedade Anita Garibaldi”*

Nanquim sobre papel.  
29.7x42 cm

2012



*“Bondinho da Rua das Flores em Curitiba”*

Nanquim sobre papel.  
29.7x42cm

2012



*“Igreja de Nossa  
Senhora do Rosário em  
Curitiba”*

Nanquim sobre papel.  
42x29.7cm

2012



*“Jardim Botânico”*

Nanquim sobre papel.  
21x29.7 cm

2012



*“Portal do Passeio Público em Curitiba”*

Nanquim sobre papel.  
29.7x42cm

2012



*“Igreja Presbiteriana”*

Nanquim sobre papel.  
29.7x42cm

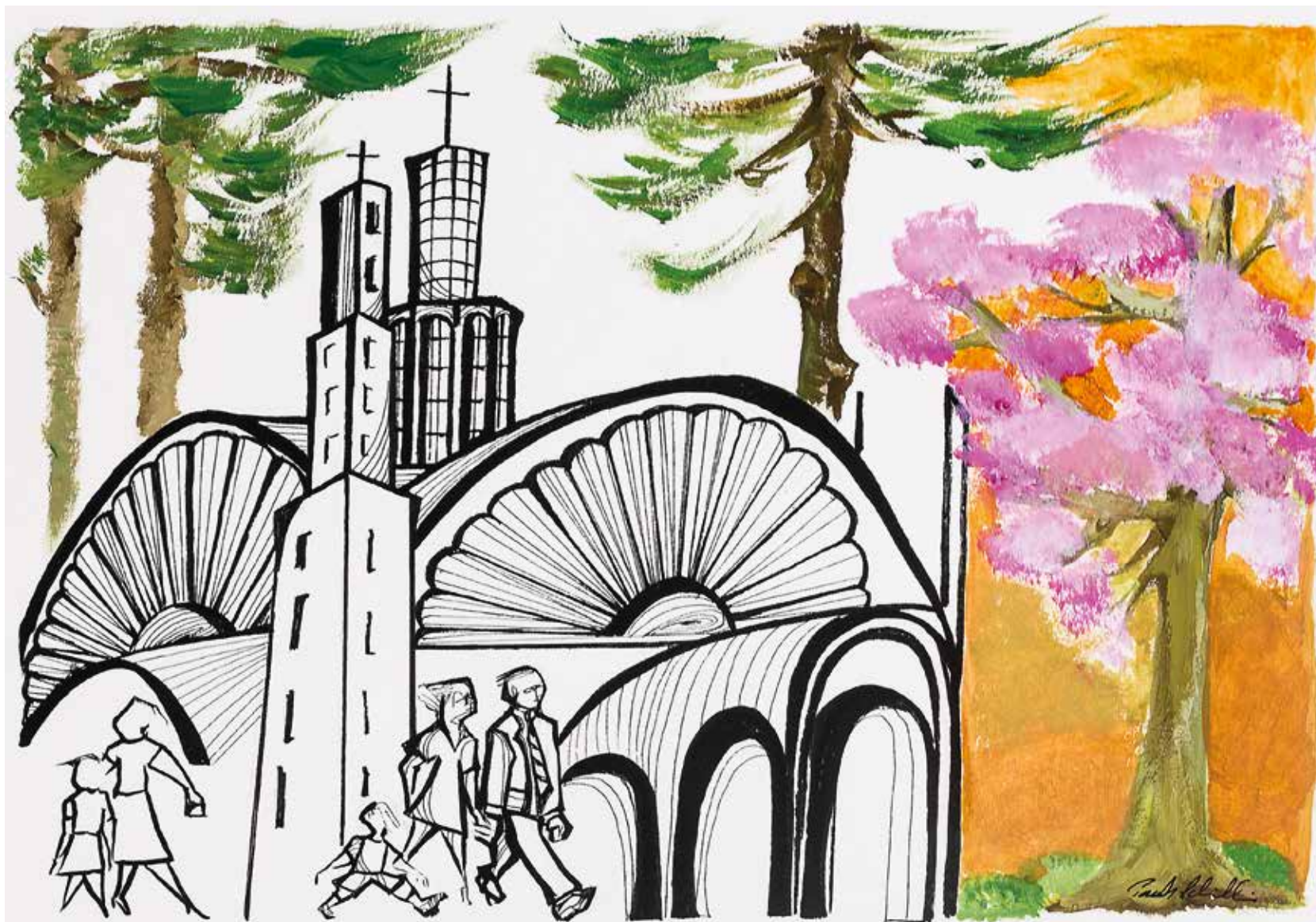
2012



*“Praça  
Generoso  
Marques”*

Nanquim sobre  
papel.  
42x29.7cm

2012



“Londrina”

Nanquim e aquarela sobre papel.  
29.7 x42 cm  
2012





*“Avenida – Série Curitiba”*

Óleo aplicada com faca sobre tela.  
78x100 cm

2012





*“Dia de Chuva na XV”*

Óleo aplicada com tubo e faca de prata sobre tela.  
65x80cm

**2000**

Página oposta, detalhe da obra



*“Velho Imigrante ou Opapa”*

Óleo aplicada com faca de prata sobre tela.  
90x70 cm

2006



*“Solar do Rosário”*

Óleo aplicada com faca de prata sobre tela.  
80x100 cm

2013



*“Imigrantes”*

Óleo aplicada com faca  
de prata sobre tela.  
90x70cm

2006



***“Menino Morto”***

Óleo aplicada com faca de  
prata sobre eucatex.  
120x70cm

**1960**



*“Ponte Preta”*

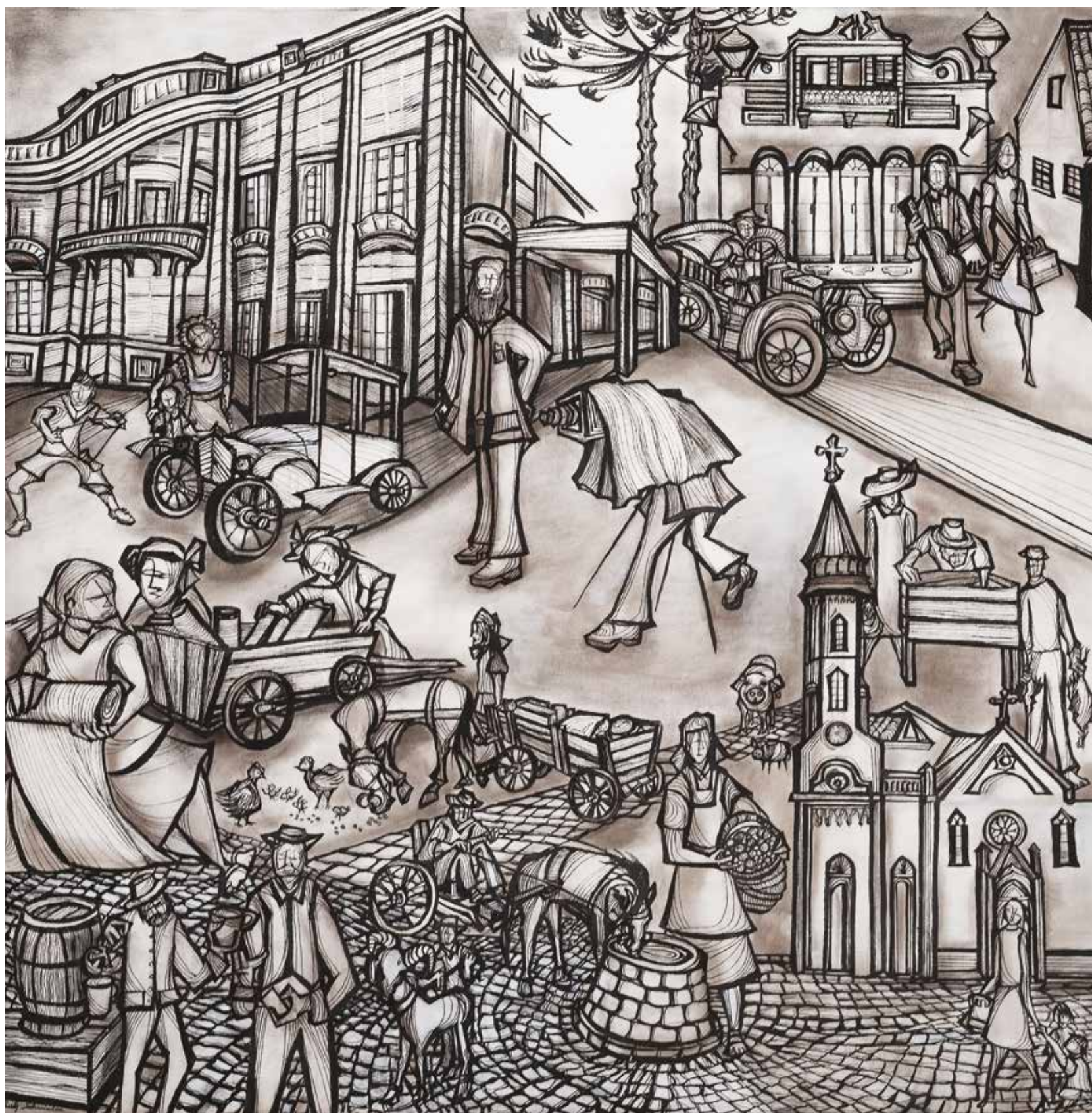
Desenho nanquim sobre tela  
100 x 100 cm

2019





*“Primeiro granito da pedra Greca”*  
Desenho nanquim sobre tela | 100 x 100 cm | 2019



*“Museu Paranaense e Solar do Rosário”*

Desenho nanquim sobre tela | 100 x 100 cm | 2019



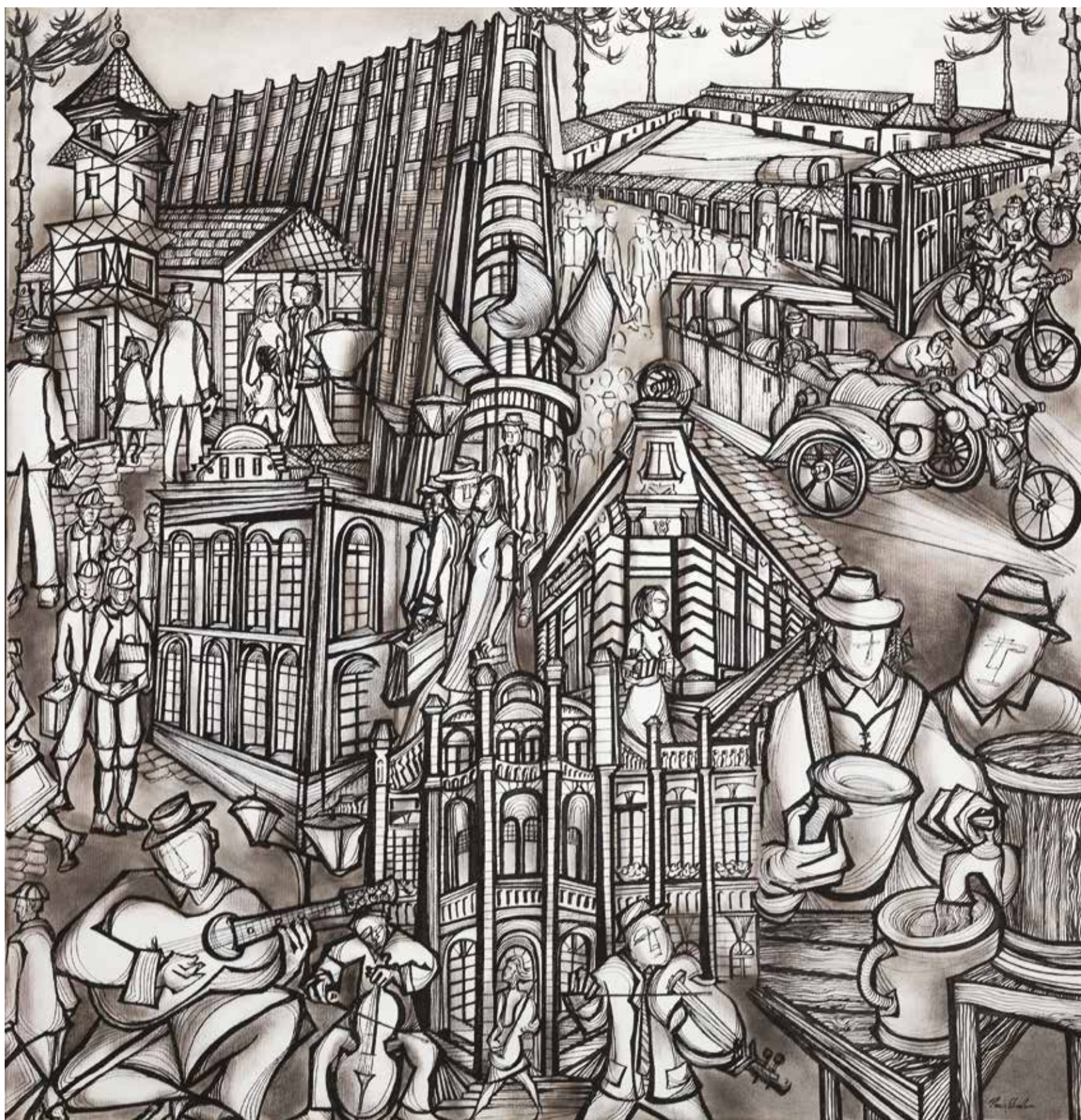
*“Primeiras torneiras de Curitiba”*

Desenho nanquim sobre tela | 100 x 100 cm | 2019



*“Nossa Senhora da Luz dos Pinhais”*

Desenho nanquim sobre tela | 100 x 100 cm | 2019



*“Os primeiros alemães de Curitiba”*

Desenho nanquim sobre tela | 100 x 100 cm | 2019



***“Estudo”***

Grafite sobre papel

Tamanho – 21cm x 30cm

**2012**

## Biografia de Paula Schmidlin

A artista, gravadora e desenhista Paula Schmidlin iniciou como autodidata nas Artes Plásticas. Só após o 1º Prêmio em Pintura e Prêmio de Aquisição pelo Governo do Estado do Paraná é que cursou a Escola de Música e Belas Artes do Paraná e a Escola e Museu de Arte Alfredo Andersen. As primeiras telas foram pintadas com incentivo do seu professor de Latim, Sr. Gorsky.

Participou do Centro Juvenil de Artes Plásticas na Biblioteca Pública de Curitiba e do Centro de Xilogravura do professor Nilo Previdi na EMBAP (Escola de Música e Belas Artes do Paraná). Sua primeira participação em Salão Oficial foi na Biblioteca Pública do Estado do Paraná, com uma obra em que pintou sobre um pedaço de tábua bruta, usando uma faca de prata de mesa e graxa de sapato misturada com tinta guache. O quadro intitulava-se *Fulo*, e foi comprado nessa mesma ocasião. Teve aulas de gravura em metal com o professor Fernando Rogério Senna Calderari. Fez o projeto da Escolinha de Artes do Colégio Divina Providência, montou o Departamento de Cultura na cidade de Colombo e decorou



as calçadas dessa mesma cidade. Criou também um grupo de teatro de bonecos. Como Figurinista, suas criações levaram o Bloco de Colombo à categoria de Escola de Samba, classificando-se em primeiro lugar.

Cenógrafa, elabora os cenários para o Teatro Dado, que ficou em primeiro lugar no Festival, com a peça de Cecília Meirelles “O Auto do Menino Atrasado”. Foi



aluna de Friedrich Arndt, de Hamburgo, Alemanha, grande mestre mundial de títeres, de Cláudio Corrêa e Castro e de Nicete Bruno, e do professor Maranhão. Trabalhou na peça “Quem Casa Quer Casa”, no Guaíra, da qual Turim foi o diretor. Durante uma apresentação, Procópio Ferreira agraciou como melhor ator o professor Maranhão, com quem Paula Schmidlin contracenava.

Escreveu textos infantis para teatro de bonecos, contos e poesias, obtendo premiação em dois contos e numa poesia. Ilustrou um livro de poesias para a espanhola Maruja Livonius. O notável Freyesleben falou muito bem de suas pinturas, bem como a crítica e professora de arte Adalice Araújo, Fernando Bini, Ivan Serpa e Guido Viaro. Este último a convidara para ser sua assistente, mas veio a falecer no dia seguinte ao convite. Coibida de estudar no tempo da ditadura militar, conseguiu, no entanto, expor na Biblioteca Pública do Estado do Paraná, junto com Ennio Marques e Nelson Padrella. A convite da Prefeitura de São José dos Pinhais, pintou “A Tomada de Monte Castelo”, para a Sala dos Pracinhas no Museu daquela cidade, ressaltando a bravura brasileira. Possui também, no acervo do Museu do Expedicionário de Curitiba, a tela “Os Camuflados”. Ao acervo da Secretaria da Cultura de São José dos Pinhais, doou a tela “Pe. Veiga”. Na Prefeitura de Curitiba está o quadro a óleo “As Proletárias”, que recebeu o Prêmio Aquisição do Governo do Estado do Paraná.





*English Version*

# *Roots, traces and pathways*

*Art works of Eve Ferretti, Mari Ines Piekas and Paula Schmidlin*

*Coordination: Regina Casillo and Lucia Casillo Malucelli*

Curitiba, 2019



SOLAR DO ROSÁRIO  
ARTE E CULTURA



## Presentation

Nearly thirty years of life among art works and their artists, both running Solar do Rosário Art Gallery and promoting lessons and lectures which embrace several artistic fields, cannot but highlight and confirm my unshakable belief that art and the sense of life walk hand in hand.

Societies, through the arts, can open up for a better quality dialogue and will then make room for larger creativity and tolerance. The artists transforming and re-inventing reality nourish people's reflections. How often has a painter's or a poet's audacious restless courage led to a life attitude changing. That's art's face which through the centuries has been transforming individuals and entire societies.

Now the book *Roots, Traces and Pathways* completes a cycle in working thoroughly and spreading the arts of Paraná. We have published 38 art books, several reissues and numerous catalogs. We have promoted over a hundred art exhibitions. SOLAR DO ROSÁRIO has made known the art works of many painters, sculptors, illustrators and photographers. We've made many trips throughout the art world!

Their *Traces* and their *Pathways* have been our goal guide. They are the artists' pathways, artists from faraway or nearby who have brought a new view and contribution to the local arts. Paraná's cultural richness is undoubtedly a reflection of all those people who came from afar and brought their ancestors' traces and traditions which show on the work and cultural heritage of our society.

In song or poetry it has always been said that Paraná is a land of all people. The city of Curitiba and its portals (Italian, Ukrainian, Portuguese, Arabic and many others) which represent the ethnic groups that make up the

State's population shows Brazil how important those immigrant waves are for the country's culture.

"It's impossible to dissociate Curitiba's historical trajectory from the history of immigration, from those who have chosen to live, work and build their families here in this Different Brazil which, according to writer Wilson Martins, is our Paraná. From the sum of such a diverse array of European and Eastern influences emerges the very cultural identity of the city, a place where different costumes, feelings and religions blend together into the most diverse ways of "being *Curitibano*". (Margarita Sansone, in her 2000 book, *Fundação Cultural de Curitiba – On the Threshold of the New Millennium*.)

The artists in this book, Eve Ferretti, Mari Ines Piekas and Paula Schmidlin, very much Brazilian, bring distant memory from their respective Italian, Polish and German ancestors. They are excellent illustrators and their steady traces show both the tradition and the modern. They are outstanding representatives of cosmopolitanism in our local fine arts. I shall say nothing else about those three great artists. In the book's next pages the images will say it better!

Honoring the three of them I also express my admiration and respect to the artists of this *paranaense* land. This book, as well as the ones previously published by SOLAR DO ROSÁRIO, goes to everyone who love art and life.

Regina Casillo

Solar do Rosário Founding Director

## Paraná's Visual Arts within a three-voice dialogue

A comprehensive look at Paraná art presents a multicultural and diverse panorama that seemingly lacks the unity which characterizes the cultural and social identity of a state. When Darcy Ribeiro writes about "transplanted peoples", he speaks of Europeans who have come overseas and distinguishes Brazilians as a new human race, a "new people" who have de-Indianized the Indian, de-Europeanized the European and de-Africanized the African; a new people who have built themselves as a new entity. (RIBEIRO, Darcy. *The Brazilian People: the formation and meaning of Brazil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995).

And Paraná is the best synthesis (not simplification) of this process. We are aware of our inheritance, a heritage from distant relatives that we can impeccably use, since they are memories stored in our cultural and ethnic memory, arising at various times, especially in creative moments of production.

National cultures are comprised not only of cultural institutions but also of symbols and representations. A national culture is a discourse - a way of constructing meaning that will influence and organize both our actions and our conception of ourselves. (HALL, Stuart. *Cultural Identity in Postmodernity*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 49)

Thus we understand that these identities are imaginary constructions, they are memories of an always grand past, a result of our idealized fantasies, as if when our ancestors came here they were in search of an Eldorado and envisaged going back to their origins, even if this was nearly impossible, which has actually happened for most of our first immigrants.

Aside from the Jesuits work *Reductions*, indigenous art was of little interest to the colonizer, or even Paranaguá's architecture and urbanism, which made Saint-Hilaire exclaim: "This small town is certainly one of the most beautiful I've ever visited since I first came to Brazil" (SAINT-HILAIRE, Auguste. *Trip to Curitiba and Santa Catarina Province*, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1978, p. 71), almost nothing is known of Paraná's artistic production before the immigrations.

Before the immigrants came here there was not a social class in the 5th District of São Paulo that could support a production considered as artistic work by European criteria.

Carlos Rubens, biographer of Alfredo Andersen, states (unjustifiably, due to lack of supporting documents) that "for very long years Paraná remained among artless states", adding that "there used to be hostility to intelligence, lack of stimulation, lack of understanding in terms of the spirit manifestations destiny, which together form the greatness of peoples

”(RUBENS, Carlos. *Andersen, father of Paraná painting*, São Paulo: Genauro Carvalho Ed., 1938, p. 14).

Federal University of Paraná Professor Sérgio Nadalin explains that up to 1808, when the Portuguese Court came to Brazil, just Portuguese immigrants were allowed to settle in the colony. However, a new immigration policy begins after the ports opening and from the nineteenth century second half until 1939 we lived the “Great Immigration” period. And according to him “it was in Curitiba and outskirts that the colonization best developed, it was here that Germans, Swiss, Italians and Poles settled; seconded in importance by French, English and Scandinavian”. (NADALIN, Sérgio Odilon. *Paraná: Territory Occupation, Populations and Migrations*. Curitiba: SEED, 2001, p. 71 e 77). Altogether there are twenty-eight ethnic groups making up the State’s cultural diversity.

There was a curious fact in such emerging society, based on an unstable economy, with a still largely fluctuating population: “in 1818 Manoel Gomes da Fonseca, owner of a slave, father of six, lived on his music...” (RITTER, M. L. *Society in Curitiba Fields by the Time of the Independence*, Rio Grande do Sul: Ed. Pallotti, 1982, p. 83).

It is at this historical moment that the first immigrant settlers arrive. The Germans came first, in 1829, and settled in Rio Negro; from the 1830s they began to settle in Curitiba. “It can be said that the city’s landscape has changed considerably with the immigrants’ arrival.” A typical example is the Mother Church - today Basilica Cathedral. The Portuguese style church was demolished in 1875; the current one in romantic neo-Gothic style was built up to 1893 with full participation of Germans. (BADEP. *The Germans in Paraná*, Curitiba, 1979, p. 15).

The first Italians settled in Morretes, Paraná’s coast, and in the 1870s and 1880s they came to Curitiba region in canopy wagons, where they began their agricultural colonies development. It was not before 1891 that Italian immigrants with specific professional backgrounds emerged.

Polish immigrants also came in the 1870s to settle around the urban centers responsible for agricultural supplies and, as is usual for Europeans, were accompanied by “letters and sciences” men, usually priests, concerned about their people’s education; their intellectual and religious life, and the study of the environment.

The construction of Paraná arts, especially visual arts, is then naturally grounded on German, Italian and Polish (or Scandinavian) artists: Frederico Lange de Morretes, Waldemar Kurt Freyesleben, Theodoro De Bona, Guido Viaro, João Turin, Miguel Bakun, João Zaco Paraná, to name but a few.

This book shows three young artists who represent ethnic integration in this “land of all people”. They are Paula Schmidlin, Eve Ferretti and Mari Ines Piekas who, while producing works in various media, stand out equally in drawing which is the strong element of relationship among them.

According to Mário de Andrade drawing is like a proverb: “It expresses, as much as does the proverb, an experience lived and transformed into an eminently intellectual definition.” (ANDRADE, Mario de. *Aspects of Fine Arts in Brazil*. Belo Horizonte: Ed Itatiaia, 1984, p.69-70).

And the drawings presented in this book are allegories, in the sense of Walter Benjamin, for they evolve arbitrarily and subjectively in the process

of meaning constitution for the construction of each artist’s true world. Paula Schmidlin absorbs Germanity in her work. She is influenced by the expressionist trend, especially in her paintings whose themes are human figures drawn from a suffering people. The apparently more delicate drawings are nonetheless vigorous and reinforce a vision of impermanence, always with the presence of the human.

Eve Ferretti, writer, sketcher and illustrator, recalls Horace’s “*ut pictura poesis*” (“painting is like poetry”) in his *Ars poetica*, but in which we can read *pictura* as the artist’s poetic image. Hers is a graphic image even on canvas paintings which drives our eye towards drawing and illustration. They claim the text from which they came out and so sometimes the meaning goes away. It is an allegorical work in the sense that it is directly connected with the artist’s experience and her personal history when allegory seeks meaning in the historical world.

And now back to Mário de Andrade, the prose poet: “Drawings are for us to leaf through; they are to be read like poetry, haiku, comics and sonnets” (*idem*, p. 68).

Mari Ines Piekas, graphic designer, illustrator, painter, engraver and teacher, also deeply depicts her Polish origin ancestral tradition. She identifies with Polish culture and in it she pursues the matrices of her doing. It is her precise but technically delicate tracing that best exalts her “poet’s heart” deliberately inspired by the pursuit of her ethnic tradition which she embraces in her own life.

Mário de Andrade comes again to close this presentation:

What especially pleases me in such a complex nature as that of drawing is its infinitely subtle character of being at once fleeting and wise. [...] But drawing, as well as the literary arts, is essentially an intellectual art which we should comprehend from our intelligence experimental, or rather, confronting data. (ANDRADE, Mario de. *Aspects of Fine Arts in Brazil*, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1984, p.65)

Drawing is closely linked to desire, it is like a dream come true: “the beautiful dreams of stone”, suggested by Gaston Bachelard thinking of Charles Baudelaire, it is poetry in pencil and paint. It is also the engraving, the scraping, and the splashing, because its source is in children’s scribbles or the insecure sketches of beginners.

This collection of images plunges us into these three young Paraná artists universe belonging to the main ethnic groups that are part of an identity construction where preserved memory is concerned, sharing such memory results from the individuals and groups shared living, thus bringing forth the most diverse discourses, be in visual arts such as these or in other artistic forms such as architecture, cinema, literature, music, theater, and so on; as well as in technical and scientific fields.

Fernando A. F. Bini

Professor and art critic. Member of ABCA and AICA

October 2019

## Eve Ferretti

Eve Ferretti's work deconstructs logic, shuffles meaning, and involves the reader in lots of humor (macabre or not) the way nonsense does in all its modes of expression. In her narratives Eve creates a game between writing and illustration recalling English painter, draftsman and writer Edward Lear's behavior who was one of the fathers of Victorian nonsense literature along with his fellow countryman and contemporary Lewis Carroll. In Lear's fiction, almost entirely accompanied by the author's own illustration, the writing and the pictures often contradict each other, however, the illustration may also bring much more information than the words, as we can also observe in the work of the author from Curitiba.

*Dirce Waltrick do Amarante*

is a Professor at UFSC, translator, writer and essayist.



“This girl is very weird...”  
her worried mom would say to herself.  
But dad didn't care, he thought funny  
and with her daughter's crazes had fun.  
Her house always looked perfect,  
glossy floor, the silver glittered.  
And so that not the tiniest dust could get in,  
windows tightly closed night and day.

Even the memories would end up in the trash,  
not to gather spider or another animal ...  
Her routine was indeed very heavy,  
so sometimes the joy of embroidery was allowed.  
For if there was something that pleased her so much  
was to see each stitch in its proper place.

Once upon a time there was a girl who was different  
from the other girls there or anywhere else.  
The little one had nothing to do with playing:  
what she liked most was organizing...

At lunch time as it may be known  
She didn't even touch the fish.  
Helped herself to just a few potatoes,  
Which, as always on the plate she arranged.

And time went on and on...

Her spine started bending  
from so much floor shining.  
And her joints started thickening  
from lots of clothes washing.  
And her eyes started closing  
because of the accuracy when embroidering...

Eve Ferretti

### *Eve Ferretti Biography*

Evelise Ferretti Manffra, aka Eve Ferretti, is a citizen of two countries: her roots are in Italy, her life history in Brazil. She is now living in Portugal.

Eve Ferretti was born in Curitiba (PR) and graduated in Visual Communication at the Federal University of Santa Catarina (UFSC). In 2004 she started working in book publishing and there she rediscovered illustration. While theater performing and studying Commedia Dell'Arte and Clown she was able to notice her own talent for the tragicomic. She also studied classical painting and drawing for a few years.

Eve has a Master from Cávado and Ave Polytechnic Institute (IPCA) in Portugal in Illustration and Animation.

A writer, playwright and illustrator, she works with animations and has a rich resume concerning books.

As an author and illustrator she has published “Flies and Other Memories” (Ed. Aletria), “The Girl Who Organized” (Ed. Peirópolis) and “The Man Who Used to Fart and Other Stories” (Ed. Blue Book Portugal).

She counts nearly a dozen books that she illustrated: “Crisálida's Hair” by Emilie Andrade (Ed. SESI-SP), “The Bumpy Life of a Little Vampire and Other Small Dracula Adventures” by Carlos Queiroz Telles & Eneas Carlos Pereira (Ed. FTD), “I Miss You a Lot” by Dr. Pat Palmer (Ed. Paulinas), “Buenos Aires with Children” by Fernanda Paraguassu (Ed.

Pulp), “The Book on Feet” by Liana Leão (Ed. Edebe), “Sloth, Courage and Other Animals” by Priscila Prado (Ed. Insight), “In the Frog's Soup” by Álvaro Polssset (Ed. Insight) and “Who Am I?” by Aline Pinto (Ed. Edebê).

The book she wrote and illustrated is: “Flies and Other Memories” which received an honorable mention at the João de Barro Literature Award 2014 and was also selected for the 2016 UNESCO Chair. Another very interesting and distinctive project, named Celia Celiac, was granted the “Poliempreende Award” in Portugal. In 2012 she was diagnosed celiac and in 2015 after a serious health problem she started using her art to spread the word about the disease and created the character Celia Celiac.

She created and produced an animation short film called “The Old Lady” which tells the story of a lady who sits every afternoon on the same bench in the park. Then one day she begins to recall happy moments from her youth days that reveal amazing surprises.

The short film was nominated for major festivals such as Anima Mundi 2015 (category International Panorama), Brazil Stop Motion, Stop Motion Montreal in Canada, Future Film Festival in Italy, and Cerano Film Festival in Italy.

In 2015 “International Animation Day” she was given Honorable Mention for “The Old Lady”.

## Mari Ines Piekas: *The Woods In Art And In Life*

I first met Mari Ines in 2002 during the event “Meetings on Creativity” at *SESC da Esquina* in Curitiba, held by Orlando da Silva who is an artist, engraver and watercolorist as well as a researcher of various techniques; when later I had the opportunity to visit her first solo lithography exhibition at *Solar do Rosário* entitled “Woods of Szczek” I was very well impressed by her work’s emotional content and by how delicate her technique is. An epistemic emotional content, because on her works we see her Polish ancestry spiritual background. The 2002 exhibition catalog had Mari Ines choose as an epigraph Polish descent Paulo Leminski’s poem to express that hidden spirituality behind her engravings, showing her merging feature of sensitivity and technique:

*My Polish heart is back  
a heart my grandfather  
brought to me from afar  
a crushed heart  
a trodden heart  
a poet’s heart.*

Mari Ines’s “artist heart” is a poet’s heart; however, let us not understand it just as a heart possessing passion but also as a heart that possesses a sensibility other than the rational intellect, that is, a complementing rationality that is the pure manifestation of Blaise Pascal’s famous saying: “The heart has its reasons which reason knows nothing of”. In other words, the heart’s reasons which manifest in art through imagination intensifies our artist’s spiritual background combined with her techniques to produce her artwork. This is what we want to show by means of interpreting (always partially) some of her pieces.

So, when I first got in touch with Mari Ines’ work it was through her lithographs shown on the aforementioned exhibition, those are works that bring out her exquisite sketch engraved on rock, which will also guide her throughout her watercolors and illustrations as we shall see. This lithographs series make up her production first great phase.

I had the opportunity in 2005 to express such epistemic feature of her lithographs through a short text on the book “Paraná’s Contemporary Painters”, no. 5, published by *Solar do Rosário* that year whose title is “The Work of Art as Knowledge”.

I quote now this excerpt:

*Perhaps she pictures her ancestors traditions, the imagery in her childhood or yet surrealistic interpretations of her readings. Perhaps as an illustrator for children books she has the implicit need to convey, by means of visual art, some imaginary text inscribed in her mind. [However, I shall refer here] to more objective aspects which have touched my sensibility and which are sources of knowledge about both real and imaginary worlds, and furthermore about the sensibility, sometimes unconscious, of the artist herself. I’ve been attracted by Mari Ines’ works, some of them contained*



*here, not for their colors, which there are [originally] not, but for the vibration of their formal content which has enhanced my mathematical perceptions: I’ve found regularity, abstraction, inversion, space structure, and symmetry in them, all both mathematical and aesthetical values. (2005, p. 56)*

I have also boldly suggested in that occasion that some of those works features bring Mari Ines close to Dutch graphic artist Maurits Escher, not really in terms of influence but in terms of her own intuition. Such features concern, for example, the infinity representation through the evolving and changing figures as in “The Beautiful City”, a water-colored lithograph. Let me also highlight one of the most innovative aspects in some of her works: although

they are figurative the relationship figure-landscape is a dialectic one due to the inversion between characters and landscape seen, for instance, in “Jan Waiting for the Snow” as well as in “15<sup>th</sup> Century”. Nevertheless, among all those similarities Mari Ines’ works are essentially different from Escher’s: her formal structures depict poetry and sensuality and none of these are seen in Escher’s”. (2005, p. 56)

Mari Ines was born in 1968 in Almirante Tamandaré, in the outskirts of Curitiba. She has a degree in Visual Communication (1992) at the Federal University of Paraná. We need this brief biographical profile in order to get to know her trajectory. Not only is Mari Ines an artist, she has also been teaching drawing and painting to children and teen-agers and her pedagogical significance outstands through her Master’s (2010) and PhD’s degree (2017) in Visual Arts at Santa Catarina State University elaborating through her research a visual language for teaching blind children. As for her artistic education it is worth remarking her post-graduation at Warsaw Academy of Fine Arts in the late 1990s working with poster, book illustration, and lithography. As lithography is concerned she has refined the light and steady line the technique requires. When it comes to illustration her work reveals an idealistic vision of nature as if praised by her drawing. She is currently a Federal University of Paraná Professor at the Art Department.

The word “forest” used in the title above, although happily matching the same word in Mari Ines’ first exhibition title aforementioned, was not motivated by the latter. It was actually motivated by Albert Einstein’s reply to a physics teacher who asked this great twentieth century thinker about today scientists’ education aspects. Einstein said: “It seems to me that a scientist today is someone who has seen thousands of trees but has never seen a forest” (Howard, 2006), hinting at a pure technical education that neglects more comprehensive formational aspects such as the philosophy and history of science which would much contribute towards a greater perception of “the forest of scientific knowledge” contributing in turn to foster a more human formation with independence of thought, or better still, “formation with heart” which was lost with contemporary technological advancement. As for the artistic education, acknowledging “the forest state of mind” will allow for going beyond its sheer technical aspects enhancing the intuition, imagination and sensitivity so necessary for creativity in this field.

Nilza Procopiak, says in “Fernando Calderari, engravings”:

*As to whether his works would be rational or intuitive, [Calderari] replies: "Rational for me works with regard to the technique I want to employ. I know, for instance, that if I use one or another technique I'll eventually achieve this or that result. This is rational in my work. But that's not how I start creating my paintings or sketches; I rationally think things over in order to solve my plastic issues: composition and harmony. As for their forms, nearly constant in my works, they come from an intuition sprung perhaps from reminiscences not yet discovered." (2006, p. 5)*

Such "forest state of mind" expressed by Einstein permeates Mari Ines' works and as well as her life.

I do not consider myself an art critic, but I am an art "lover" and consequently, I love the artists who produce it. I say lover in the classic sense presented by Plato through his dialogue "Symposium" (or "Banquet") in which he depicts love as a sublime way of acquiring knowledge; love as spiritual asceticism towards wisdom, the very spirit of philosophy. I intend to address Mari Ines' works within this love state of mind appreciating them as I would a forest, incorporating aspects of her life as the artist and the researcher.

We shall first notice that Mari Ines' work, throughout its several phases and different techniques, is imbued not only with artistic values but, and especially, with cultural ones. Hers is a figurative art and by means of Polish landscape and architecture her characters bring, first of all, a young world's harmony through that culture's lyricism and its spiritual origins. As on the lithograph "Woods of Szczek III" that shows a young vision of the forest, a world built inside out in children's imagination by the children placed on the picture's four corners; or as on her "Golden Duck" watercolor, a pinnacle in her watercolor production (by the way, with innovative technique: watercolor on canvas) which depicts one of Polish folklore legends.

And, secondly, that part of her work also convey her daily experience as someone from Paraná which is translated, in my view, into a certain reinvented personal way of being from this State, as on the lithograph "Sidewalk in Curitiba", one of the first she ever did. Besides, her own reinvention can also be seen on the works "Paraná's Pine tree" and "Gralha Azul (Cyanocorax caeruleus)" involved in a certain childish naïveté that metaphorically shows through a beautiful synthesis of Paraná's symbols the rapport between pine nut and pine tree first, and second, between pine cone and the gralha azul. This childish or juvenile innocence will characterize all of her illustrations, be them drawings, lithography or watercolor. A magical example is the lithograph "Journey Through the Sky".

"Poetry I" and "Poetry II" are lithographs where she shows us a spiritual cosmology, a naïve interpretation of "stars harmony", which ever since Pythagoras is a form of understanding the cosmos, both outer and inner worlds with their baggage of humanity where music was a Pythagorean way of harmonizing both of them.

This blending among art, philosophy and also poetry predominates in her illustrations, some slightly colored, some not. A cluster of illustrations that particularly caught my attention was the one she did for Maurício Abdalla's book (2004) "A Window on Philosophy". It is a philosophy book for the youth

whose metaphorical discourse aims to "feel philosophy" (Abdalla, 2004, p. 4) more than to "think philosophy", thus its visual language is fundamental for that purpose, which Mari Ines masterfully performs. According to Abdalla, "the plot was inspired on René Magritte's *The Key to the Fields*" (p. 4). Magritte's work is, precisely, a suitable one through which discuss philosophy and Mari Ines rereads him and the result is "Philosophy II" representing the book's main lesson: the act of philosophizing is more important than learning philosophy theory.

Quoting Abdalla: "It is no use knowing to reproduce the vehicle [words] if we cannot retain its meaning and be loaded by it ..." (p. 5). Mari Ines' illustration is what makes the words get "loaded" from the text and then through images become a visual thought.

Mari Ines preference for children and youth illustration reflects her feminine sensitivity translated into delicacy, family value, sense of protection, etc., values that she also embodies in her view of nature. In one of her latest phases, still in progress, she captures the inner grace of this nature, what is ephemeral about it and what needs to be preserved. The 2014 works "Vitória Régia (Victoria Amazonica)", "Seaside Mountains" and "Mangrove" have a political-ecological content that although not conscious presents a vision of nature without the violence of contemporaneity.

In "Vitória Régia", a plant of the Amazonian nymph family (perhaps a rereading of Monet's water lilies), Mari Ines attributes to this natural landscape the dimension of the world, with a child taking care of it and enjoying it, as a promise to a better world.

In "Seaside Mountains", a child riding a bicycle through an endless route towards an enchanted skyline is a metaphor for the environmental values quest that must be reconstructed.

Finally, in "Mangrove", with the sublime simplicity of such a delicate trait as those of Japanese origin, Mari Ines expresses, as she herself acknowledges, a silent encounter with nature, which also means a reunion with herself. Again, as in Pythagoras, in this case it is the music of silence that allows this reunion. What a great message for eco-environmental education through art.

José Carlos Cifuentes  
Mathematics and Philosophy of Mathematics Professor  
Federal University of Paraná

## References

- Abdalla, M. *A window on philosophy*. Illustrated by Mari Ines Piekas. São Paulo: Paulus, 2004.
- Cifuentes, J. C. *The work of art as knowledge*. In: Paraná's Contemporary Painters, no. 5 (Regina de Barros Correia Casillo, Org.). Curitiba: Solar do Rosário, 2005.
- Howard, D. *Albert Einstein as a philosopher in science*. Critic 04/09/2006. at [http://criticanarede.com/cie\\_einstein.html](http://criticanarede.com/cie_einstein.html). As seen in August 2019.
- Piekas M. I. *Woods of Szczek*: lithographs. Solar do Rosário Exhibition Catalog, Curitiba, 2002.
- Procopiak, N. *Fernando Calderari, engravings*. In: Engraving Museum Exhibition Catalog. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2006.

## *Mari Ines Piekas Biography*

Mari Ines Piekas was born in 1968, in Paraná. Her paternal grandfather Michał Piekas came from the Stare Siolkowice village in Silesia County, Poland when he was a child. The immigrants sailing in Valparaiso Steam reached Rio de Janeiro in 1886 and Mari Ines' family travelled further south and settled on the outskirts of Curitiba at Antônio Prado Colony in Almirante Tamandaré, where several families sowed their traditions and religion. Mari Ines was born in that very place as the fifth daughter of João Piekas and Cidália Piekas. Ever since she was a child she loved drawing and discovered

quite early that she was able to express herself through lines, colors and shapes. By attending Professors Fernando Bini, Maria Cecília Noronha and Hans Urban Art History and Graphic Composition classes at former CEFET-PR she was highly motivated to go on to a graduation in Visual Communication at the Federal University of Paraná. One of the important works carried out shortly after this period were the illustrations for the 1995 *Red List of Endangered Plants in the State of Paraná* by Gert Günther Hatschbach and Silvia Renate Ziller, one of whose images received Special Mention in the IX Botanical Illustration Margaret Mee Contest, in Rio de Janeiro in 2001. In addition to works in that field she was keen on pursuing Poland's graphic production as she was studying with Professor Lech Majewski in Curitiba and later, between 1998 and 1999, as a post-graduation Polish Government Fellow at the Warsaw Academy of Fine Arts. There she studied poster, children literature illustration, and lithography; following on she had quite great success in these areas when returning to Brazil. Eager to further improve her visual arts skills she started attending engraving workshops at Centro de Criatividade and Solar do Barão, institutions from Curitiba's Cultural Foundation. Besides engraving and printmaking she works diligently on her illustrations, using watercolor, crayon, pastel crayon, gouache, and quill pen on paper; and on her paintings and drawings where she achieves thorough and deeply detailed graphic solutions. Among the exhibitions she took part in are the 1st Salon of Plastic Arts in Araucária /PR (2000), the 2nd Salon of Plastic Arts in São José dos Pinhais/PR (2001), the X Municipal Hall of New Artists in Joinville/SC (2001), the 5th Salon of Plastic Arts in Paranaguá/PR (2003); she received Special Mention in the 1st Salon of Plastic Arts of Pinhais/PR and was honored by Curitiba City Hal, for her work set in the book *Contemporary Painters of Paraná*

No. 5 (Solar do Rosário, 2005). Her most recent works participated in *Brazylijska Natura Spojrzenia i Inspiracje*, an itinerant collective exhibition in Warsaw and Krakow (2014-2015) and were also exhibited in Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego, soon afterwards her artistic residence took place in Przewięź, Augustów City, Poland, 2015. Intent to deepening her children teaching, she took up research on childhood drawing and on techniques and methodology for teaching blind children how to draw. That has led her on to pursuing a Master and a Doctor in Visual Arts at the Federal University of Santa Catarina. One of the outcomes from this is she having co-authored with Dr. Maria Lúcia Batezat Duarte and published the book *Pictographic Vocabulary for Inclusive Education* (Editora Insight, 2013); another was having her multi-sensorial book project selected at the International Typhlo & Tactus Competition, France, 2015.

Mari Ines Piekas has been teaching drawing and painting at Solar do Rosário Cultural Association since 2004 and has been a Visual Arts Assistant Professor at the Federal University of Paraná. She is a member of the Fine Arts Researchers National Association as well as the Brazilian Association for Special Education Researchers. She serves as vice-president for the Poland/Brazil Cultural Center - Management 2012 to 2020, a non-profit institution that conducts research, exchange, cooperation, integration, and the tradition and cultural heritage promotion within the Polish/Brazilian community through events and projects.

In 2018 the artist was granted the *Zasłużony dla Kultury Polskiej* by the Polish Minister of Culture and National Heritage for her relevant work supporting Polish culture. She currently lives in Almirante Tamandaré, in the Antônio Prado Colony.

## Paula Schmidlin

In her art she's solitary. Most artists wish to please and then not always create what they feel. She lives and revives social dramas, their hypocrisies, injustices, prejudices. There is meaning in her use of colors which seem to show either pain or joy without any outlines. Her drawings come the same way, from inside and following a feverish fit when, in bed yet, she creates pictures that entwine expressionism and surrealism in quill pen and ink. Her taste for figurative art is justified, for the figure shows and expresses feelings, which doesn't happen in still life. She goes against a conformist art stream that surrenders to commercial criteria or to matching the living room sofa; she explores regional, folk or epic drama aspects instead. She really enjoys mural painting. The Caximba dumpsite had her seeking the Brazilian reality where she was never scared by its nauseating odor or the waste pickers' sweat smelling, never afraid of the drunkards or famished; nothing frightens her, she's actually moved by such reality and shows us the real people, she wants no discrimination to go with her art. How come such reality does not



cause any astonishment in songs? Because certainly images are stronger and so is superstition. We are quickly reminded of Baudelaire and Augusto dos Anjos on her canvases where their legacy can be seen. “Augusto dos Anjos nationalized the carrion which became a symbol of the rotten in Brazilian flatbed truck. Paula Schmidlin paints “The Dumpsite Dog” in the dialogue with Baudelaire’s “Flowers of Evil”. Invited to paint two pictures by Sidney Oliveira in a cultural show on cable TV she chooses a warehouse and the Caximba dumpsite.

Sensuality and body expressiveness as well as the exotic costumes in “Girls”; and the bars and dancehall regulars all go to her canvases and murals.

By means of silver table knives, paintbrushes or tubes of paint her technique and style are

unmistakable.

There is nothing fake when she portrays our *tropeiros* (drivers of horses or mules) because her work is supported by broad bibliography.



Doing this she wants to assemble a true historical illustrated encyclopedia to fill in the blank gaps about *tropeirismo* history in our art collections.

Thanks to curatorships, secretaries, government that show interest or to clever and educated producers our Brazilian history can be told and shown to other countries and the present generations.

Her drawing is *Dostoevskyan* when a strong trait is highlighted on an arm, a paw, or when she uses vibrant colors on shady drawings. Her dogs look apocalyptic in her paintings and drawings.

She's a contemporary expressionist who misshapes and contorts, but not reality. Her using the tube of paint is not enough; knife strokes are thicker and quicker.

Her research probes into scrap and waste and she emerges with installation art which look like variations on her other works.

Fearlessly, she distills birds, vultures and blue jays that constantly change

in a hanging mobile movement. The birds' always suggest outlines in the shadows that grow or shrink.

Her work contemplates of the relative in space, movement, projection and art. Out of nothing she does a lot. Her shapes, not limited, are light and insinuate into our memory where they will then be recognized.

Her recent works convey history through the urban landscapes and characters. They are works in ink on canvas based on historical research and on the observations of the city places and human figures portrayed.

The drawings selected for this book depict the extraction of the first granite from the Greca Quarry, the image of the city's patron saint (Nossa Senhora da Luz dos Pinhais) over the Cathedral, the first public faucets in Curitiba, the German pioneers, Museu Paranaense and Solar do Rosário side by side and the Black Bridge over João Negrão Street.

## *Paula Schmidlin Biography*

Paula Schmidlin began as a self-taught engraver and sketch artist. Only after winning her first painting prize and a Paraná State Government Acquisition award she went to the School of Music and Fine Arts of Paraná and Alfredo Andersen School and Art Museum. Her Latin teacher Mr. Gorsky encouraged her to paint her first works.

She attended Curitiba's Public Library Fine Arts Youth Center and Professor Nilo Previdi's Woodcutting Center at EMBAP (School of Music and Fine Arts of Paraná).

Her first time taking part in an Official Salon was in an event at the Paraná State Public Library where she painted on a rough wood board using a silver table knife and gouache-paint mixed with shoe polish; the painting titled *Fulo* was purchased during the event.

She took etching lessons from Professor Fernando Rogério Senna Calderari.

Colégio Divina Providência Art Center Project was done by her and she put together the Culture Department in Colombo where she also painted the town's sidewalks.

Schmidlin created a puppet theater group.

Colombo's Carnival Block was promoted to Carnival Samba School and ranked first place thanks to her work as their costume designer.

She was the set designer for Cecilia Meirelle's play by Dado Theater "The Latish Boy" and the company won the Festival's first prize.

She's been German World Great Master Puppeteer Friedrich Arndt's

pupil; Cláudio Corrêa e Castro, Nicete Bruno, and Professor Maranhão have also been her trainers.

In Guaíra Theater, directed by Turim in the play "*Quem Casa Quer Casa*" (The Ones Who Get Married Want to Have a House) she and Professor Maranhão starred together. Procópio Ferreira bestowed Maranhão as best actor then.

Her writings include puppet children plays, short stories and poems; she won prizes for two of the stories and one poem. She was the illustrator for Spanish poet Maruja Livonius's book. Freyslesben, a remarkable person, highly praised her painting as well as critic and art teacher Adalice Araújo, Fernando Bini, Ivan Serpa, and Guido Viaro, who invited her to be his assistant; however, he passed away the next day.

Forbidden to study during the Military Dictatorship, she nevertheless managed to exhibit in Paraná State Public Library along with Ennio Marques and Nelson Padrella:

two contrasting Works on World War II. She was commissioned by S. José dos Pinhais Secretary Sada and painted "The Battle of Monte Castello" for the town museum's Pracinhas' Parlor, highlighting Brazilian bravery. Curitiba's Expeditionary Museum displays her painting titled "The Camouflaged". She donated her work "Fr. Veiga" to the collection of S. José Culture Secretary.

Curitiba's City Hall shows the oil painting "The Proleterians": which was awarded the "Acquisition of Paraná State Government".



# Lista das obras

*List of art works*



*“O Grito e A Barata”*  
Página 16



*“A Pequena Pedinte”*  
Página 17



*“Avarina”*  
Página 18



*“Desilusão e A Moça”*  
Página 19



*“Limpendo as Horas”*  
Página 21



*“Limpendo a Torre de Belém”*  
Página 22



*“A Velha Cega”*  
Página 23



*“Sem Título”*  
Página 24



*“A Pequena Medusa”*  
Página 25



*“Padre”*  
Página 26



*“São Francisco e O Lobo”*  
Página 27



*“A Menina e O Relógio”*  
Página 28



*“Limpendo a Casa”*  
Página 29



*“Sir Paul”*  
Página 30



*“A Avó e as Moscas”*  
Página 31



*“Futebol na Praça”*  
Página 32



*“Sem título”*  
Página 33



*“Edílio, o Bom Menino”*  
Página 34



*“O Filho Macaco”*  
Página 35



*“A Velha e os Livros”*  
Página 35



*“No Leito”*  
Página 36



*“Monsier Gilbert”*  
Página 37



*“Calçada de Curitiba”*  
Página 47



*“Ilusões”*  
Página 48



*“Filosofia II”*  
Página 48



*“Açucena”*  
Página 49



*“Noturna”*  
Página 49



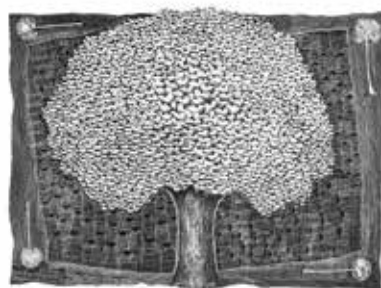
*“Poesia I”*  
Página 50



*“Poesia 2”*  
Página 50



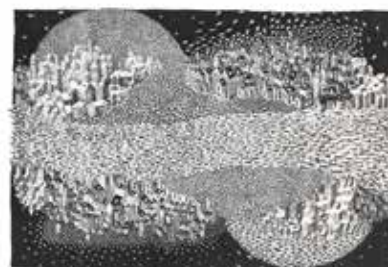
*“Viagem Pelo Céu”*  
Página 51



*“1205 Pássaros II”*  
Página 52



*“Jan Esperando a Neve”*  
Página 53



*“Século XV”*  
Página 54



*“Floresta de Szczek III”*  
Página 55



*“A Bela Cidade II”*  
Página 56



*“As Asas de Jan II”*  
Página 57



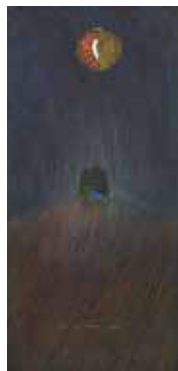
*“Valparaíso”*  
Página 58



*“Viagem Pelo Céu III”*  
Página 59



*“Araucária Paranaense”*  
Página 60



*“Gralha-Azul”*  
Página 61



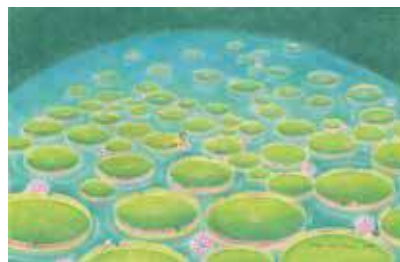
*“Złota Kaczka”*  
Página 62



*“Sábado à tarde, no sul do Brasil”*  
Página 63



*“Mangue”*  
Página 65



*“Vitória-Régia”*  
Página 66



*“Serra do Mar”*  
Página 67



*“Pinhão”*  
Página 68



*“Trichoclini Catharinensis”*  
Página 69



*Casa de Alberto Piekas*  
Página 70



*“Imigrantes Paranaenses”*  
Página 77



*“Relógio na Rua das Flores”*  
Página 78



*“Sociedade Anita Garibaldi”*  
Página 79



*“Bondinho da Rua das Flores em Curitiba”*  
Página 80



*“Igreja de Nossa Senhora do Rosário em Curitiba”*  
Página 81



*“Jardim Botânico”*  
Página 82



*“Portal do Passeio Público em Curitiba”*  
Página 83



*“Igreja Presbiteriana”*  
Página 84



*“Praça Generoso Marques”*  
Página 85



*“Londrina”*  
Página 86



*“Avenida – Série Curitiba”*  
Página 87



*“Dia de Chuva na XV”*  
Página 89





*“Velho Imigrante ou Opapa”*  
Página 90



*“Solar do Rosário”*  
Página 91



*“Imigrantes”*  
Página 92



*“Menino Morto”*  
Página 93



*“Ponte Preta”*  
Página 94



*“Primeiro granito da pedreira Greca”*  
Página 95



*“Museu Paranaense e Solar do Rosário”*  
Página 96



*“Primeiras torneiras de Curitiba”*  
Página 97



*“Nossa Senhora da Luz dos Pinhais”*  
Página 98



*“Os primeiros alemães de Curitiba”*  
Página 99



*“Estudo”*  
Página 100

**Traços, trajetórias e raízes**

Foi impresso no papel Couchê 170g, com a fonte Electra Lt Std 12/18,  
na Maxigráfica, para o Solar do Rosário, em Novembro de 2019



ISBN 978-85-60665-37-2



9 788560 665372

APOIO  
PATRON



PATROCÍNIO  
SPONSORSHIP



REALIZAÇÃO  
PUBLISHED BY

SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DA  
CIDADANIA

